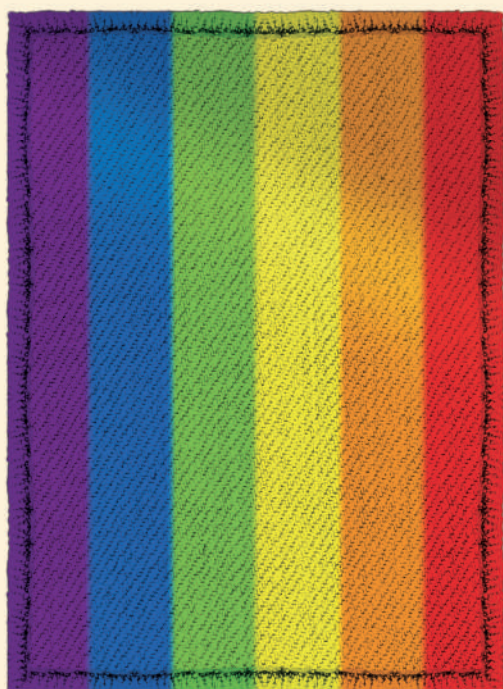


BenDIGA

Pessoas LGBTQIAPN+ cristãs existem e resistem!



The background is a vibrant, multi-colored rainbow with diagonal stripes. The colors transition from purple on the left to red on the right. A white line-art logo of a plant with several leaves is positioned in the center, partially overlapping the text.

esp
era
nçar



Fundo
POSITIVO

Saúde - HIV - Diversidade





BENDIGA!

É bendizendo que temos a grata alegria de apresentar a “Revista BenDiga! Pessoas LGBTQIAPN+ cristãs existem e resistem!”.

A tradição cristã nos ensina que “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10, 17). Entretanto, quanto tempo nós, pessoas LGBTQIAPN+, passamos ouvindo mentiras sobre nossa relação com Deus? O “pecado mortal” do qual nos acusam só denuncia a própria LGBTfobia do fundamentalismo religioso cristão. Por isso, na busca por anunciar caminhos de reconciliação entre a experiência de fé e as nossas dissidências sexuais e de gênero, nós decidimos bendizer!

Bendizemos os “textos de terror” usados contra as pessoas LGBTQIAPN+, bendizemos o estigma contra o HIV/AIDS, bendizemos as experiências dissidentes narradas na Bíblia, bendizemos os coletivos que se organizam afirmativamente dentro e fora das igrejas.

Foi o próprio Jesus quem nos ensinou o caminho que escolhemos para trilhar nesta publicação. Por diversas vezes, Ele disse: “Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo” (como em Mateus 5, 21-22). À semelhança dEle, nós, também, dizemos:

Ouvistes o que foi dito: “Homossexualidade e transgeneridade são pecados.”

Nós, porém, dizemos: “Homossexualidade e transgeneridade são manifestação da graça.”

Ouvistes o que foi dito: “Deus criou Adão e Eva.”

Nós, porém, dizemos: “Deus criou Adão, Ivo, Ana, João, Pedro...”

Ouvistes o que foi dito: “Vocês são uma abominação diante de Deus.”

Nós, porém, dizemos: “Nós somos parte da diversa e plural criação de Deus.”

Ouvistes o que foi dito: “Deus odeia o pecado, mas ama o pecador.”

Nós, porém, dizemos: “Deus é amor!”

Que esta revista, que orgulhosamente apresentamos, nos capacite a desafiar a violência sistêmica dos discursos de ódio contra as pessoas dissidentes sexuais e de gênero. Nós já ouvimos demais o que foi dito. É tempo de ouvir, a partir de experiências encarnadas, que nós somos imagem e semelhança do Deus Vivo!

Boa leitura! ●

Ana Ester
Clériga cristã, teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião



esperançar



MUITO PRAZER, SOMOS O ESPERANÇAR!

Com muita alegria, o coletivo Esperançar deseja lhe receber para um passeio ao longo destas páginas. E para que nosso passeio seja ainda mais afetuoso, permita-nos uma breve apresentação:

O Esperançar é um Coletivo. Coletivo é um daqueles momentos da vida em que os olhos de uma pessoa brilham enquanto ouve da outra um caminho que a instiga, uma ideia que faz o coração pulsar, e às vezes até nos arrepiam.

Já se arrepiou ao pensar numa grande ideia ou um futuro além do que podemos imaginar? Pois então, este é o Esperançar: Um lugar de corações palpitantes quando lembramos que Jesus morreu na cruz para que ninguém mais precise viver castigado, seja pela fome, pelo preconceito, pela intolerância religiosa.

A gente se arrepia quando lembra que lá na oração do Pai Nosso – oração que Jesus nos deu como ensino – aprendemos a orar pedindo que “venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade, assim na Terra, como é nos céus” (Mateus 6:10). Ora, se nos céus não há pranto ou dor, morte ou lamento, porque iremos nos contentar com um mundo onde pessoas morrem de fome enquanto outras tem mais dinheiro do que podem gastar em toda a sua vida? Porque aceitamos que o Jesus que nos foi apresentado como Príncipe da Paz seja, agora, transformado em cabo eleitoral de políticos?

E com os corações pulsantes, nos reunimos, nas redes, nas ruas, nas casas. Hoje partilhamos de dois núcleos de estudos bíblicos: um na favela da Rocinha-RJ, e outro em Duque de Caxias-RJ.

Além dos núcleos, estamos mensalmente em igrejas evangélicas, promovendo a leitura antifundamentalista da Bíblia e fortalecendo as comunidades de fé com os materiais de leitura impressos. Também realizamos anualmente uma turma online de leitura popular da Bíblia, onde, por um período de 3 meses, nos conectamos com pessoas de todo o Brasil.

O Esperançar também caminha lado a lado com os movimentos sociais como MST, MTST, MPA, e com todos que tem esperança num mundo sem miséria, onde mana leite e mel.

E claro, não é raro nos ver nas ruas, em alguma praça ou estação de ônibus, con-

versando com trabalhadores sobre a fé que nos conduz à ação e sobre o amor que não é só sentido, mas praticado.

Para nos conhecer mais, entre em contato por nossas redes sociais. Se você tem Esperança em outro mundo possível, vamos partilhar do brilho nos olhos!

SOBRE ESTE MATERIAL

Em 2023, o Coletivo Esperançar tem a alegria de lançar mais um material de estudos bíblicos. Pelo terceiro ano seguido, foi possível ver a somatória de nossos esforços resultar em uma singela contribuição, em forma de material impresso, para aqueles e aquelas que tem o forte desejo de manter seus estudos bíblicos, mas não pretendem fazê-lo com auxílio de literaturas fundamentalistas.

O Coletivo Esperançar valoriza e ama o texto bíblico: é justamente por conta deste amor, que zelamos por uma leitura séria, que leve em conta fatores sócio-históricos e geográficos de cada trecho bíblico; aliás, uma das formas mais cruéis de lidar com a Bíblia é esvaziando sua amplitude no tempo e espaço: esquecendo que os textos que a compõem foram escritos em momentos específicos, por pessoas específicas, dialogando com questões específicas. É a partir da compreensão da Bíblia enquanto documento histórico, oferecendo-lhe a rica dádiva da crítica, o afeto do questionamento e o cuidado da análise, que desejamos ardentemente que suas páginas possam nos levar a águas mais profundas no conhecimento e intimidade com Deus.

Neste material especificamente, fica nosso profundo desejo e oração de que, no cheiro de cada página, na cor de cada ilustração, no sabor de cada palavra, se reforce no seu coração o amor divino revelado por Jesus quando, depois de ressuscitar e antes de subir aos céus, visita seus discípulos e reforça: “(...) Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos Séculos” (Mateus 28:20). A despeito de qualquer condenação fundamentalista ou do ódio daqueles que ainda não conheceram o Deus que é amor, queremos reafirmar: Cristo é conosco! ●

Com carinho,
**THALES FREITAS E
COLETIVO ESPERANÇAR**



Fundo **POSITIVO**

Saúde - HIV - Diversidade



O Fundo Positivo, a mais de 9 anos, trabalha intensamente para a construção de um país justo e igualitário para todas as pessoas, apoiando as organizações de base comunitária nas cinco regiões do país. Atuamos, sobretudo, onde o Estado não se faz presente e/ou suficientemente presente, promovendo ações de enfrentamento das desigualdades em saúde, defesa do direito à saúde pública, universal, integral e equânime, prevenção, assistência no campo dos direitos humanos. Trabalhamos com vista ao acesso a cidadania plena, bem como ações de combate ao estigma e discriminação das populações que encontram-se em contexto de extrema vulnerabilidade socioeconômica, epidemiológica e, especialmente, identitária.

Assim o Fundo Positivo atua diretamente com as populações que são vítimas de preconceito e estigma, apenas por sua condição de existir em uma sociedade LGBTQIA+fóbica, racista, sexista, machista e xenofóbica.

A partir deste contexto, o Fundo constituiu há alguns anos, o Fundo LGBTQIA+ que tem como premissa ofertar o apoio a organizações e redes da sociedade civil que trabalham no campo dos direitos LGBTQIA+, e especialmente entendendo que essa população é a que mais sofre com o estigma e discriminação no país.

Estigma esse que coloca o Brasil em 1º posição no ranking do país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, fato este recorrente nos últimos treze anos, ou ainda, fazendo com que pessoas travestis e transexuais tenham expectativa de vida de 35 anos, menor do que a metade da expectativa de vida da população geral.

Quando encontramos com o Coletivo Esperançar, identificamos similaridade na narrativa de enfrentamento do fundamentalismo religioso que propaga o discurso de ódio. Firmamos laços de parceria com a perspectiva de enfrentar as narrativas estigmatizantes que por sua vez são propagados utilizando entendimentos distorcidos de algumas narrativas, especialmente da narrativa bíblica e da fé.

Notamos que a população LGBTQIA+ atendida tem apresentado aumento no adoecimento da saúde mental, culminando infelizmente, no exacerbado índice de suicídio. Ficamos muito apreensivos e tristes quando percebemos que a população LGBTQIA+ atendida procura espaços de acolhimento baseados na fé e sofrem discriminação, porque sabemos que esses espaços inclusive, são apropriados por determinados religiões neopentecostais, fundamentalistas e distorcidas, levando com que as pessoas LGBTQIA+ se sintam mais estigmatizadas e com culpa, contribuindo significativamente para o aumento dos índices acima descritos.

Por essa razão estreitamos laços com o Coletivo Esperançar para o lançamento dessa revista, que visa trazer um novo entendimento dos ensinamentos bíblicos e da fé baseada no cristianismo que prega simplesmente que o amor nos aproxima de Deus e do divino, respeitando e acolhendo as especificidades de cada ser.

Que esta publicação emane o Amor, pois onde ele existe, existe Deus! ●

HARLEY HENRIQUES E ÉLIDA MIRANDA

Coordenação Executiva do Fundo Positivo

CRÉDITOS

Colaboradores • Expediente



ANA ESTER

Clériga cristã, teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião

EQUIPE ESPERANÇAR



ANA MOURA

Designer



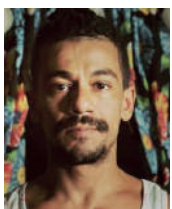
ANDRESSA OLIVEIRA

Assistente de Produção e Conteúdo



GISELLY CANLLYA

Coordenação de Comunicação



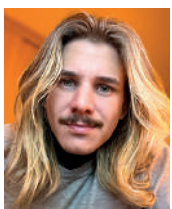
MATHEUS FOSTER

Coordenação de produção



TALES FREITAS

Coordenação teológica



YANNI CURCELLI

Illustrator





esperança



Fundo
POSITIVO

Saúde - HIV - Diversidade

Sumário

PARTE I - "OUVISTES O QUE FOI DITO"



06

BÍBLIA E OPRESSÃO: OS "TEXTOS DE TERROR"

09 | Gênesis 19, 1-25, Judas vs. 7 e 1 Timóteo 1, 10 – Paulo Ueti
15 | Levítico 18, 22 e Levítico 20, 13 – Allie Terassi
18 | Romanos 1, 26-27 – Alexandre Feitosa
22 | 1 Coríntios 6, 9-10 – Keila Guedes



28

BÍBLIA E HIV/AIDS: SANGUE E IMUNDÍCIA

André Musskopf

PARTE II - "EU, PORÉM, VOS DIGO"



38

BÍBLIA E LIBERTAÇÃO: ENCONTRANDO-SE NO TEXTO SAGRADO

Cris Serra



44

BÍBLIA E HIV/AIDS: SANGUE E VIDA

André Musskopf



59

JESUS E A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO: O SILÊNCIO QUE DIZ MUITO

Bob Luiz Botelho

PARTE III - "E NÓS DIZEMOS"



53

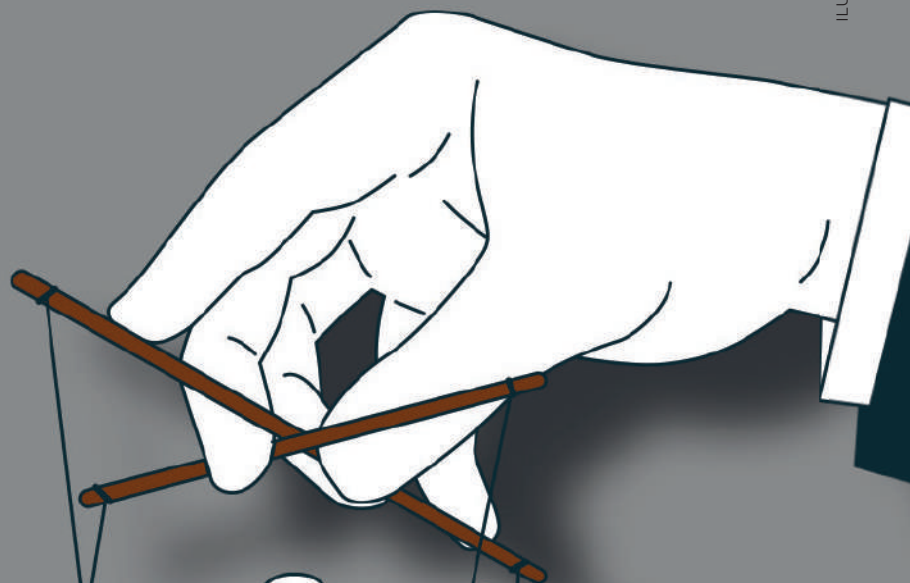
SE TE OPRIME, NÃO É JESUS: EXPERIÊNCIAS CRISTÃS AFIRMATIVAS

55 | Evangelicxs pela Diversidade
59 | Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT
63 | MNE - Movimento Negro Evangélico

A vibrant, multi-colored border with a torn paper effect runs along the left and right edges of the page. The colors include red, orange, yellow, green, blue, and purple.

Se te
OPRIME
nãõ é
JESUS





Ouvistes
o que foi
dito

**Muitas paisagens,
faces e jeitos:
Um Só
Cristo**

**Somos chamadas a
“cuidar e cultivar”**

Gênesis 19, 1-25 | Judas vs. 7 | 1 Timóteo 1, 10

“Quando há um diálogo verdadeiro, Ambos os lados estão dispostos a mudar.”

Thich Nhat Hanh

“...ora, vocês são o corpo de Cristo e são membros deles, cada qual a sua maneira.”
1 Coríntios 12, 27

Porque *“... Deus, nosso Salvador, que quer que todas as pessoas sejam inteiras (não fragmentadas) e cheguem ao conhecimento da verdade (Jesus)”*. Pois, há um só Deus, e um só mediador entre Deus e a humanidade, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por **TODAS AS PESSOAS** (1 Tim 2, 4-6a)

O tema gerador desse capítulo é um convite para revisar e reler a vida, o mundo e os textos bíblicos. É um convite para reconhecer que lemos textos sagrados a partir do Evangelho (com letra maiúscula). Esse Evangelho não é nenhum livro, mas é uma pessoa – Jesus. Lemos os textos tendo muito cuidado em respeitar o que chamamos de critério de compatibilidade cristológica. Jesus e seu Evangelho são o critério pelo qual nossa leitura passa.

É, portanto, um convite para interromper o ciclo de violências espiritual, religiosa, intelectual e física para com gente “divergente” em todos os espectros. É um convite para agradecer informações sobre textos e interpretações violentas que podem vir da Bíblia e seguir a vida porque Deus é Amor incondicional e o Criador de **TUDO** o mundo. É um convite para dizer “muito obrigada/o pela informação sobre o que o livro do Levítico quis [talvez] dizer contra **VÁRIAS** práticas qualificadas como abominações, mas eu sou batizada/o em nome da Trindade que é a perfeita comunidade una e diversa”, “muito obrigada/o pela informação sobre certos textos de Paulo apóstolo aos Coríntios ou a Timóteo sobre as sexualidades, mas eu sou uma pessoa cristã, justificada pela graça e com a certeza de que nada me separa do amor de Cristo (Rom 8, 31-39)”. Ouvistes o que foi dito, mas... eu vos digo diferente.

A diversidade é uma característica constitutiva da existência. É frustrante e desalentador ter essa questão como um problema ou “algo a trabalhar”, “algo que discutir” ou escutar e experimentar nos nossos corpos, mentes e espíritos consequências violentas dessa realidade, desse fenômeno (se assim alguém quiser estabelecer).

Mas, mesmo assim, cada vez mais somos colocadas/os frente a frente com a questão da diversidade e da unidade. Somos ameaçadas porque escolhemos acolher em espírito e verdade a diversidade como “ruah divina”, como fruto do Espírito Perturbador (Santo) que habita em nós.

A modernidade e “pós-modernidade” trouxeram à tona (fizeram mais visível) este desafio da convivência humana, tão antiga quanto o próprio mundo. Como conviver com o que é diferente de mim ou do que minha sociedade determinou como “norma” (normal)? Obviamente quando essa pergunta surge como problema, entendemos que falta informação óbvia de que normas mudam com o tempo, elas se adaptam. Como “harmonizar” com a criação de Deus? As estatísticas demonstram que ser diferente da “maioria” tem sido motivo de imputação de atos violentos, incluindo assassinato. A educação assediadora e violenta para a normalidade (seja normal, seja como as outras pessoas) tem demonstrado nociva e adoentadora das pessoas como indivíduos e das sociedades. O diferente e o divergente (características espirituais fundamentais da espiritualidade cristã) se tornaram intoleráveis, hereges, impossíveis de conviver, precisam ser apagados da existência. Isso é perverso e está tomando conta dos discursos religiosos entre nossas comunidades cristãs.

Para muitas teologias, Deus revelou-se aos seres humanos através de sua capacidade (ou será sua essência?) de **relação**. É Deus sempre que toma a iniciativa. Pela relação de Deus com o trabalho manual e com os elementos básicos da natureza (solo, água e ar) o ser humano foi feito (Gn 2, 7). Da não existência para a existência. Mais tarde um grupo (quem

escreveu Gn 1, 1-2, 4a) determinou que Deus cria ordem (organiza a vida). E a ordem criada é diversa, plural, colorida. E “Deus viu que era bom e muito bom” (podemos também traduzir por “E Deus viu que era muito belo e muito belo”).

A uniformização (hegemonia) é um caminho tortuoso e nada agradável a Deus. Ela é violenta, desumanizadora e idiotizante. O texto de Gn 11, 1-9, sobre a tentativa de construir a torre de Babel para “dominar” o mundo, nos mostra como essa ideo-teologia absurda foi radicalmente rechaçada pela divindade, que reconhece cada pessoa em sua cultura e língua, o que como efeito colateral, segundo o texto, causou confusão (frustrou os planos imperialistas e colonizadores).

Na continuidade disso temos a experiência de Pentecostes, onde todas as pessoas, desde o seu lugar, sua língua, sua cultura, podem compreender a mensagem do Evangelho e comprometer-se como comunidade, sem deixar de ser o que são, mas entrar num processo de conversão continua onde há perdas e ganhos. Assim são as relações.

Deus nos ama do jeito que somos, para sermos algo mais para Ele e para o Mundo. Deus nos encontra onde estamos para caminharmos e trabalharmos em comunidade por um mundo “paradisiaco”, onde a violência, a tortura e o assassinato não sejam o nosso dia a dia, mas a harmonia, o diálogo e o respeito mútuo. “Até a ingratidão inflama o amor de Deus” (Os 11, 1-9) para conosco, e “nada pode nos separar do amor de Cristo” (Rom 8, 31-39).

A RELEITURA DA VIDA E DOS TEXTOS SAGRADOS

Ler e reler é um ato político e de produção de conhecimento, portanto um ato criador (como Deus que cria e trabalha com barro e ar). Essas práticas desafiam impérios e ideo-teologias opressoras pois re-velam o mundo e criam capacidade crítica, ou seja, produz curiosidade (qualidade perigosa). Ler a reler a palavra de Deus que está nessa coleção multifacetárias e de muitas vozes que chamamos de Bíblia (biblioteca) revoluciona e perturba. Somos cham-

adas a sermos pessoas que perturbam a ordem imperial, colonial e hegemônica (At 2: somos cheios de línguas de fogo e somos vento impetuoso por ordem e posse do Espírito de Deus). Somos chamadas ao pensamento crítico ou, sendo mais polido, ao discernimento no Espírito. “*Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir (em grego κριτικός – desenvolver capacidade de analisar criticamente) os pensamentos e propósitos do coração.*” (Heb 4, 12)

Quando lemos, nos relacionamos com um universo amplo e complexo e não simplesmente com uma única realidade. Nunca vamos para o texto ou para a realidade sendo inocentes e neutros. E é necessário olhar o quadro todo, para não correremos o risco de ficar só em detalhes ou peças isoladas do ambiente e do texto. Essas qualidades não existem entre nós quando se trata de nos relacionarmos com os tecidos dos quais fazemos parte (vida e texto escrito). E essa ordem é importante: primeiro o mundo e a vida, depois a realidade (o que entendemos da vida) e depois o texto escrito (uma interpretação do mundo, da vida e do que entendemos da vida).

É por isso que é importante perceber que estamos sempre em um processo de interpretação, e toda interpretação é mediada, nunca objetiva ou neutra. Elizabeth Fiorenza nos lembra que qualquer teologia (uma linguagem sobre Deus e sua revelação) está “desde o início implicada” em múltiplos discursos e diversas lutas. Um aspecto dessa implicação é que “o que você vê depende de onde está posicionado”, ou seja, as teologias são feitas a partir de uma perspectiva específica e não podem pretender ser diferentes.

Na Leitura Popular da Bíblia, começamos com interesse, começamos com curiosidade. Eu me interesso por algo ou alguém e me aproximo com curiosidade, para me integrar, fazer perguntas, conhecer o que a outra pessoa conhece e do jeito que ela conhece e compartilhar o que eu conheço e como eu conheço. Começamos já a nos encontrar e nos interpretar. Vamos

fazer isso olhando três textos importantes para nosso diálogo. O primeiro é ler com cuidado, curiosidade e carinho (quando é possível neste mundo violento e de violências em que estamos submetidas) o texto de Gênesis 18-19. O texto que me foi pedido era o de Gênesis 19,1-19. Não podemos entender bem o 19 sem o 18. Eles são um conjunto. E vamos perguntar: sobre o que é esse bloco? De que estão falando essas linhas? Quais os assuntos mesmo? O mesmo devemos fazer com Judas (toda a carta, não só o verso 7) e com 1Timóteo.

A tradição interpretativa colonizadora e patriarcal nos fez acreditar (e muita gente acreditou) que esse capítulo do Gênesis é sobre homossexualidade e sua condenação. Também os outros dois textos dessa conversa (Judas 7 e 1Timóteo 1,10) são sobre a condenação da homossexualidade. Ou seja, sobre privilégios e merecimento: quem não merece estar no Reino de Deus, ou pior, quem não merece o amor de Deus (duas blasfêmias estruturantes dos discursos de ódio e de exclusões).

Mas sobre o que mesmo são esses textos? Os dois do Novo Testamento vamos considerar que também, além da tradição interpretativa, há problemas de tradução e de compreensão do universo de onde os termos provêm.

RELENDO GENESIS 18-19

Na Leitura Popular da Bíblia, depois de achar-se ao texto com curiosidade e cuidado, seguimos fazendo perguntas para entender melhor e colocar em contexto os textos que estamos a ler. Meu colega Gerald West, do Centro Ujamaa na África do Sul (um centro parente do CEBI) sugere que perguntemos:

1. Este conto é parte de um conjunto literário maior que começa com anjos/homens visitando Abraão. Então, como é que Abraão recebe os anjos/homens em Gênesis 18, 1-18?

2. Como Ló recebe os mesmos anjos/homens que vão a Sodoma pela noite?

3. Por que Ló é tão insistente para que eles não passem a noite na praça da cidade naquela noite?

4. Como os homens de Sodoma recebem os anjos/homens, que são estrangeiros (não são “do lugar”, não pertencem ao “normal” daquela cidade)?

5. Qual é o status social de Ló naquela cidade?

6. Por que os homens da cidade de Sodoma são tão abusivos com os estrangeiros que visitam?

7. Em que medida esse conto é sobre temas de hospitalidade, homossexualidade e violência sexual?

8. Importante notar que em outros textos quando Sodoma e Gomorra são mencionadas o assunto da sexualidade daqueles homens ou daquele ato não aparece: ver Isaías 1, 7-17; Ezequiel 16, 49-50; Lucas 10, 10-12; Mateus 10, 14-15. Leiam os capítulos inteiros e não somente os versículos indicados aqui.

Quando vamos respondendo a todas essas curiosidades, vamos descobrindo que o texto é sobre hospitalidade fundamentalmente. Sobre a relação com estrangeiros, sobre xenofobias, sobre violências com quem não é “normal” (não segue as normas sociais, econômicas, políticas e religiosas de um determinado grupo), sobre violência sexual. A questão é que a violência sexual sofrida aqui é pelos anjos/homens nesse conto, feita por outros homens descontentes (violentamente descontentes) com a presença desses primeiros na cidade. O grande pecado da cidade é não ter sido hospitaleira e não ter tratado os estrangeiros como deveriam. Uma lista para ajudar: *Lv 19, 33-34; Lv 25, 9-10; Deut 10, 18-19; Ez 16, 49; Ex 23, 9; Mt 3, 5; 1 Rs 8, 41-44; Jó 31, 32; Mt 25, 35-36; 1 Cor 12, 12-14; Gl 5, 14; Lc 10, 29-37; Tg 1, 27.*

RELENDO JUDAS 7

Nosso texto: “Assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição (outras traduções: imoralidade sexual, formicação) como aqueles, seguindo após outra carne (foram atrás de vícios não naturais, práticas contra a natureza, perversão, indo atrás de corpos estranhos, perseguindo paixões não naturais), são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição”. (Judas 1, 7).

Para esse servo que vos escreve, esse é o livreto que menos gosto do cânon do Novo Testamento. Mas como minha mãe costumava dizer: você não tem o que sempre gosta, aprenda a viver com isso. Gosto desse conselho e me faz sempre visitar eu mesmo, situações e textos com frequência. Convivência pode aproximar e certamente faz nossas opiniões e perspectivas algo que se move sempre.

Temos um primeiro problema que é a interpretação de quem escreveu a Carta de Judas sobre qual foi o pecado de Sodoma e Gomorra. Como já mencionei acima, todas as outras citações onde Sodoma e Gomorra são citadas o grande pecado foi a falta de hospitalidade para com os homens estrangeiros e a violência sexual praticada contra eles pelos moradores (homens) daquela cidade.

E, como já estabelecemos qual foi o pecado de Sodoma e Gomorra fica mais fácil navegar com cuidado por esse texto e outros parecidos do Novo Testamento. A tradição comum dentro da Bíblia não apoia que o pecado desses lugares foi o que hoje chamamos de homossexualidade. Foi a violência sexual, foi sobre estabelecer quem tem o poder sobre o território e corpos, foi sobre a desobediência de uma norma (depois lei) fundamental de convivência que é a hospitalidade.

RELENDO TIMÓTEO 1, 10

“Para os devassos (fornicadores; praticantes de imoralidade sexual; promíscuos; impudicos; devassos; impuros; adúlteros), para os sodomitas (os que se deitam com outros homens; homossexuais; invertidos), para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina.” (1 Tim 1, 10 Almeida Corrigida e Atualizada)

Eu compartilho com vocês que não sou daqueles biblistas que tentam salvar todos os textos da nossa tradição sagrada. Há textos que são em si violentos e estão ali na nossa Bíblia para lembrar de uma mentalidade e interpretação do sagrado do passado e as vezes do presente que devem ser relidas na perspectiva cristã de Jesus, que é a verdade, o caminho e a vida.

Mas, mesmo assim, compartilho o que muita gente já tem lembrado sobre esse termo segundo do nosso versículo que é traduzido normalmente por “homossexuais”. Vale lembrar em primeiro lugar que esse conceito de homossexualidade é um conceito moderno. Ele não existia nos tempos bíblicos como existe hoje. O termo grego usado aqui é **ἀρσενοκοίτης** arsenokoites (desculpe mencionar o grego, o faço sem nenhuma intenção de ser pedante, mas para ajudar a fazer perguntas sobre o mesmo). De acordo com Valdenor Monteiro Brito Junior “aqui estamos diante de um termo muito curioso porque ele não existe em nenhuma fonte não-cristã, e não possui nenhum uso anterior a esse que vemos em 1Coríntios (e depois em 1Timóteo). Ou seja, em enorme contraste ao caso de ‘malakoi’, alguém que conhecesse o grego da época chegaria nessas listas e se depararia com um termo nunca antes visto. Esse fato por si só já é um balde de água fria naqueles que acham que nós temos absoluta certeza de que aqui o objetivo de Paulo era condenar os homossexuais de forma absoluta. O termo em questão é muito idiossincrático (peculiar) para permitir um veredicto tão forte!”

Essa palavra pode fortemente estar ligada ao Levítico 18, 22, considerando que o autor de Timóteo possa estar lendo a Septuaginta (a Bíblia traduzido ao Grego antes de Cristo). Mas “pode ser”. Não temos certeza. Valdenor Monteiro também argumenta que “o significado desse termo está longe de ser unânime entre os estudiosos. A ideia de que ‘arsenokoitai’ se refere ao sexo consensual entre homens como tal é apenas uma entre quatro hipóteses principais levantadas para esse termo, e não necessariamente a melhor delas.”

Então, aqui não temos uma resposta definitiva nem “a correta”. Temos que conviver com esses “soluções” que passam no cânon bíblico e encontrar a melhor maneira de conviver com eles.

Certamente temos um critério fundamental oferecido pelos pais e mães da igreja nos primeiros séculos que é interpretar a bíblia para que a glória de Deus seja

presente. E “A Glória de Deus é o ser humano bem vivo” (Inácio de Lion).

Ora et Labora - Orar e trabalhar sempre para que não sejamos reprodutoras dos sistemas que criam privilégios, produzem massas de pessoas desumanizadas e excluídas dos sistemas de proteção e bem viver e acumulam riquezas. Orar e trabalhar para que as pessoas em situação de mais vulnerabilidades sejam atendidas e para as que detêm privilégios, reconheçam essa condição e sintam-se compelidas a partilhar os seus recursos. Trabalhar contra os sistemas de privilégios. Orar e trabalhar para que sejamos pessoas e instituições hospitaleiras (que acolhem e que cuidam de todas e todos indistintamente). Orar e trabalhar para que nossa capacidade de amar seja maior do que nossa tendência natural de excluir e odiar. Orar e trabalhar para que nossos discursos religiosos, nossas orações sejam expressões de amor e carinho, não de ódio ou discriminação.

Este é o constante desafio para nossas igrejas hoje. O constante desafio de ler, reler e interpretar os textos bíblicos com esse projeto político na mente, corpo e espírito. E nossa tarefa apostólica de proclamar (a ser para todas as pessoas, inclusive nós mesmas) o amor incondicional e companheiro dessa divindade que criou tudo e viu que era BELO/BOM. Um vento perturbador para espalhar que nós somos chamadas pelo Espírito de Deus para continuar essa proclamação da Boa Nova.

Que Deus nos abençoe com desconforto com as respostas fáceis, meias verdades e relacionamentos superficiais, para que possamos viver no fundo de nossos corações...

QUE DEUS NOS ABENÇOE COM INDIGNAÇÃO POR CAUSA DA INJUSTIÇA, DA OPRESSÃO E DA EXPLORAÇÃO DAS PESSOAS, PARA QUE POSSAMOS TRABALHAR PELA JUSTIÇA, LIBERDADE E PAZ...

QUE DEUS NOS ABENÇOE COM AS LÁGRIMAS DERRAMADAS POR AQUELES QUE SOFREM DE DOR, REJEIÇÃO, FOME E GUERRA, PARA QUE POSSAMOS ESTENDER NOSSAS MÃOS PARA CONFORTÁ-LOS E TRANSFORMAR SUA DOR EM ALEGRIA...

E QUE DEUS NOS ABENÇOE COM UMA DOSE DE FALTA DE JUÍZO PARA ACREDITAR QUE PODEMOS FAZER A DIFERENÇA NESTE MUNDO, PARA QUE POSSAMOS FAZER O QUE OUTROS DIZEM NÃO PODER SER FEITO, PARA TRAZER JUSTIÇA E BONDADE A TODOS OS NOSSOS FILHOS E AOS POBRES...●



PAULO UETI

É mestiço, nascido no Brasil, filósofo, teólogo e biblista, congregando na Catedral da Ressurreição da Diocese Anglicana de Brasília. Atualmente trabalhando para a Comunhão Anglicana na Anglican Alliance e como Consultor para Educação Teológica na Comunhão Anglicana, membro da Comissão para a Unidade, Fé e Ordem da Comunhão Anglicana, do CEBI - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica - ABIB e sócio da Society of Biblical Literature - SBL (Estados Unidos da América).



DEITE-SE COMO UMA
TRAVESTI

Levítico 18, 22 e 20, 13

“Não se deitarás com um homem como se fosse mulher, é abominação” (Lv 18, 22)

“Se também um homem tiver relações com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.” (Lv 20, 13)

“Ferrou.” Foi a primeira coisa que eu pensei quando fui convidada a escrever um texto sobre os tão temidos versículos de Levítico. Honestamente, sempre que leio esses textos, a reação imediata é de calafrios. Não é intuitivo pensar que o excerto esteja dizendo uma outra coisa segundo o seu contexto, nem mesmo imaginar que é possível agradecer a Deus fazendo o que o texto aparenta condenar.

Outra coisa que sinto, logo depois dos calafrios, é dúvida (se é que é possível sentir dúvida). Principalmente porque em toda a Bíblia hebraica não existe um único versículo que trate de relações entre duas mulheres, e eu, enquanto travesti, sequer encontro corpos semelhantes ao meu em todas as Escrituras. Deus estaria condenando apenas a relação entre dois homens? Não faria sentido, certo? Que tipo de relação? Por que ela seria condenável? E ainda, por que seria “abominável” diante de Deus?

A “profecia” rogada sobre essas pessoas diz que elas serão mortas - e o seu sangue cairá sobre elas (Lv 20, 13). Francamente, olhando de forma descuidada para esses trechos eles realmente parecem *o que parecem*, não é? Uma pessoa LGBTI+ é morta a cada 32 horas no Brasil e, pelo que dizem as más línguas, tenho apenas 35 anos de expectativa de vida. Seriam essas as *boas novas* do Evangelho para os corpos como o meu?

Bom, o que eu sinto lendo esses textos pouco importa para a teologia cisheteropatriarcal. Então, que façamos uma nova leitura, fria e cuidadosa, sem medos e calafrios. Antes disso, é preciso entender por que raios Levítico está na Bíblia, certo? Segundo Nancy Cardoso (2013), o livro “se ocupa com a ordenação e a integridade dos corpos: o corpo pessoal, o corpo social e o corpo da terra”, apesar de ser utilizado

para compor uma proposta teológica “sem corpo, contra o corpo e apesar do corpo”. Dessa forma, o autor estaria preocupado em detalhar quais seriam as práticas civis, culturais, comunitárias, cerimoniais e ritualísticas (e por que não sexuais?) - naquela localização espaço-temporal - que trariam o ser humano para mais próximo de seu próprio corpo.

É por isso que, junto com os temidos textos de terror, em Levítico ainda existem outros diversos trechos com recomendações tão estranhas quanto, dizendo para o povo não utilizar roupas com tecidos diferentes ou não plantar duas espécies diferentes de semente em uma mesma lavoura (Lv 19, 19). Eles eram destinados a um contexto imerso em uma série de circunstâncias específicas àquele povo. Mas, então, qual era a intenção do autor ao deixar Lv 18, 22 e 20, 13 para o povo? De que forma esse texto deve ser lido? Ainda faz sentido lê-lo?

O livro de Levítico utiliza da pena de morte para diversos tipos de “pecados” ou “impurezas” cometidas contra o próprio corpo ou o corpo do outro, mas acredito que não tenhamos que nos atentar a esse ponto específico tão exaustivamente. O sacrifício feito por Jesus foi suficiente para expiar toda condenação contra nós. No entanto, a questão que martelava meus pensamentos é por que tais atos seriam condenáveis? A questão do adultério, por exemplo, também passível por pena de morte em Levítico, é detalhada pelo teólogo Daniel Helminiak (1998) como sendo interpretada enquanto uma ofensa contra a propriedade (da mulher pelo homem). Deitar-se com a mulher de outro homem seria parecido com um “roubo”, e traria diversas implicações financeiras, sociais e comunitárias naquela sociedade.

Nos dois trechos em Levítico utilizados para *condenar a homossexualidade*, a expressão “como se fosse mulher” se repete. E ao contrário do que se pensa e se diz por aí, a torto e direito, a expressão em hebraico *mishk’vei ishah* (deitar como se fosse mulher, ou “na cama” de mulher) não diz respeito a identidade gay ou bissexual (muito menos trans ou lésbica, né?). Até porque, não havia na época uma com

preensão política e social desses sujeitos, para que fossem “condenados” por suas existências, e sequer havia um entendimento do que seria uma “homoafetividade” e de como os afetos moldam as vivências comunitárias e constroem partes significativas da identidade de cada um. Isso veio muito mais tarde, do meio para o final do século XX, no contexto das movimentações políticas por Liberdade Sexual nos EUA, junto com o surto epidêmico de HIV/Aids que infelizmente atingiu grande parte dessa população na época e, coincidentemente, foi no mesmo período¹ que as compreensões dos “textos de terror” enquanto condenatórios para essas pessoas começaram a ser divulgadas e publicizadas.

Mas, então, o que *literalmente* diz o texto? A expressão *mishk'vei ishah* diz respeito, única e exclusivamente, ao sexo anal penetrativo entre dois homens, “como se fosse” com mulher. Nesse caso há uma distinção cultural feita entre o sexo vaginal e o sexo anal, enquanto um é o “natural, típico” e o outro é “anti-natural, atípico”. Quaisquer outros tipos de relações homoeróticas não estão incluídas na interpretação literal do texto. Mas, então, o que se pode concluir? Apenas o sexo anal é proibido? Por que o sexo anal? E por que não pode? Realmente não pode?

Bom, para responder essas perguntas, é importante lembrar que, novamente, estamos há dezenas de séculos de diferença do texto (historiadores dizem que o livro foi escrito no século XV a.C.). E é importante lembrar que nem Levítico, nem qualquer outro livro da Bíblia faz menção à concepção moderna de homossexualidade ou bissexualidade. As relações homoeróticas que existiam enquanto fatos sociais (com expressão social e de forma generalizada) no tempo de Levítico não aconteciam em contextos amorosos ou românticos e nem de igualdade entre as duas (ou mais) pessoas (em sua maioria, eram escravizados junto com seus sen-

hores, adolescentes com homens adultos, filhos e sobrinhos com seus pais e tios etc).

Além disso, o texto faz uma distinção semântica entre o homem (termo *ish*: homem adulto, cidadão, com direitos políticos) e o macho (termo *zakar*). Uma tradução literal seria algo como “Não se deitarás um homem com macho como se fosse mulher (*ishah*)”. Dessa forma, fica nítida a disparidade (hierárquica, política, social) entre as duas pessoas (homem e macho) na relação sexual penetrativa que se estabeleceu.

O fato de o excerto focar especificamente no sexo penetrativo entre homens, não mencionando outros tipos de interações sexuais homoeróticas, muito menos entre mulheres, diz respeito a esse contexto em que foi escrito. Nenhuma parte da Bíblia responde à pergunta: “tá, mas e se homens (ou mulheres) tivessem relações sexuais (das mais diversas formas) entre si em um contexto responsável, afetivo, ético, saudável... ainda seria pecado?” O texto bíblico não previu, ou não se preocupou, em responder isso, talvez porque a resposta *deveria* ser óbvia.

Nesse caso, proponho o exercício de romper com a lógica cisheteronormativa e binária das interações sexo-afetivas, para que o texto seja corporificado e ganhe materialidade aqui, no Brasil, em São Paulo, no meu corpo - de travesti. E também aí, onde quer que você esteja e de onde quer que você venha.

Desde que aprendi que a Bíblia é um conjunto de relatos de diversos corpos em sua relação e experiência com Deus - que também tem corpo - ela ficou muito mais palpável. Principalmente, porque isso me fez perceber que também cabia Deus em mim, nesses 1,73m de altura, com mais ou menos 64 kg de massa corporal, sob um regime diário de 12mg de ciproterona, 2,4mg de estradiol para terapia hormonal e 20mg de escitalopram para ansiedade.

¹ De acordo com o teólogo queer e biblista Bob Luiz Botelho (2021), as principais traduções bíblicas que traziam termos relacionados à homossexualidade só começaram a ser globalmente divulgadas a partir de 1987, no auge da epidemia de HIV/Aids.

Deus cabe aqui, entre meus artesanatos, e é ele quem pulsa nas minhas veias e artérias e se mistura com os fármacos dentro de mim. É ele mesmo quem alarga meus quadris, aumenta meus seios, afina minha voz. É Deus quem toca no barro do meu corpo e me molda novamente, desse jeito, nem homem, nem mulher: travesti.

E é por isso que quando eu - eu mesma, euzinha - leio os textos de terror em Levítico, penso que nunca me deitaria com alguém “como se fosse...”, afinal de contas, se o afeto acontece, só acontece como é. E então deito como é, e como sou - seja com ela, com ele, com elu, ou eles. E descubro Deus no roçar dos corpos, no suor que escorre do canto do pescoço, no gemido que chama pelo seu santo nome. E desse lugar, recomendo-lhes: deite-se como uma travesti. ●



IMAGEM / GOOGLE



ALLIE TERASSI

É travesti, bissexual e cristã de tradição evangélica. Graduanda em Relações Internacionais e pesquisadora em Estudos de Gênero e Teoria Queer. Atual coordenadora em Advocacy do Evangélicxs pela Diversidade em São Paulo.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, N. C.; BOEHLER, G; Andre Musskopf. *Corpora Fluida: contaminación y peligro en el imaginario religioso. Lectura crítico-antropológica del Levítico bíblico*. In: Lima, Silvia Regina; Boehler, Genilma; Lars Bedurke. (Org.). *Teorías queer y teologías: estar en otro lugar*. Ied San Jose: DEI Departamento Ecumenico de Investigacion, 2013, p. 175-190.

HELMINIÁK, D. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade?* Curitiba: Edições GLS, 1998, 143 p.
BRITO JR, Valdenor. *A Estrela da Redenção*. [56] *Homossexualidade e Bíblia Hebraica 3 - O sentido literal do Levítico*. Disponível em: <<https://aestreladaredencao.medium.com>>; Acesso em 12 de junho de 2023.



**IDOLATRIA E
PROMISCUIDADE
SEXUAL**

Romanos 1, 26-27

Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro". (Romanos 1, 26-27)

Um texto bíblico jamais deve ser estudado e, portanto, compreendido, fora de seu contexto. Entretanto, cristãos fundamentalistas apreciam bastante a prática de julgar e condenar a comunidade LGBTQIA+ utilizando-se de textos isolados. Com Romanos 1, não poderia ser diferente. O recorte utilizado concentra-se nos versículos 26 e 27.

Para o leitor moderno, Romanos 1, 26 parece ser uma referência a relações sexuais entre mulheres, uma vez que o versículo subsequente é uma referência ao homoerotismo masculino. Há décadas, vários estudiosos, e mesmo o leitor comum da Bíblia, acreditam que Romanos 1, 26 é o único texto bíblico que condena o homoerotismo feminino. Porém, tal interpretação nem sempre existiu.

O primeiro ponto importante é o contexto. O versículo 26 se inicia com a expressão "por isso", indicando que as ações expressas neste ponto do texto são consequência de fatos apresentados anteriormente. A partir do versículo 18, o tema central é a idolatria. Paulo constrói sua argumentação com uma progressão de eventos encadeados: 1. O Deus verdadeiro, invisível, se manifesta pela criação visível, por isso, os pagãos são indesculpáveis (v. 20); 2. Apesar da criação visível, não glorificaram ao Criador, mas seus corações se obscureceram (v. 21); 3. Passaram a produzir imagens de ídolos, servindo à criatura em lugar do criador (v. 23); 4. Deram vazão à suas próprias concupiscências (v. 24); 5. As mulheres pagãs passaram a praticar formas de sexo contrárias à natureza (v. 26b); 6. Os homens se entregaram a práticas homoeróticas.


O texto não diz que as mulheres abandonaram as relações naturais com os homens, mas limita-se a dizer que elas se entregaram a práticas sexuais contrárias à natureza, sem mais especificações. O advérbio "semelhantemente" pode ser uma pista importante, indicando que as mulheres praticaram relações sexuais não gerativas análogas às dos homens, o seja, o sexo anal.

Quando textos paralelos – todos de Paulo – são comparados com Romanos 1, 26 e 27, fica ainda mais evidente a condenação ao homoerotismo masculino, não feminino, pois tanto 1ª Coríntios 6, 9 quanto 1ª Timóteo 1, 10 referem-se apenas ao sexo entre homens.

Como os atos sexuais são apresentados como consequência da idolatria, certamente, Paulo está se referindo às orgias cúlticas, muito comuns na adoração a deuses como Afrodite, Apolo e Baco. Paulo interpreta, portanto, tais comportamentos como resultado da adoração pagã.

As Escrituras, embora possuam conceitos e verdades inspiradas, universais e atemporais, não foram concebidas para nós, ocidentais do século XXI, por isso, uma contextualização histórica em determinados textos é necessária, a fim de que possamos compreendê-los não apenas nas linhas, mas, também, nas entrelinhas, em virtude da distância cultural.

É importante ter em mente que a carta em questão foi escrita para os cristãos de Roma. Naquela capital, o matrimônio era uma questão de estado, uma obrigação cívica para a manutenção do Império por meio de filhos. Com o passar dos séculos, os homens romanos permaneceram os mesmos em relação ao sexo, usufruindo de suas mulheres, concubinas, prostitutas e de outros homens de estrato social inferior, como escravos ou libertos. Entretanto, sobretudo, a partir do final do século I a.C, as mulheres romanas experimentaram uma grande emancipação sobre seus próprios corpos e desejos. Elas ansiavam desfrutar o prazer do sexo, porém, sem o risco da gravidez. Ao qualificar seus atos como contrários à natureza, o texto confirma essa verdade. A liberdade das mulheres



romanas na época de Paulo era incompatível com os valores judaicos. Para judeus como Paulo, a sexualidade feminina estava restrita ao casamento. Alfonso Cuatrecasas, escreveu:

“Devemos ter em conta [...] a evolução da mulher, não apenas já completamente emancipada na época de Marcial (século I d.C.), como também plenamente liberada sexualmente, a tal ponto que a partir de então é ela que se lança e desfruta, seduzindo os homens e colecionando amantes. Essa emancipação, essa equiparação da mulher ao homem manifestava-se sobretudo nos banhos públicos. [...] onde homens e mulheres podiam encontrar amantes e dar vazão à suas fantasias sexuais.” ii

Naturalmente, a busca pelo prazer por parte dessas mulheres não tinha por objetivo a geração de filhos, o que caracterizava seu comportamento sexual como contra a natureza. Práticas sexuais não gerativas – como relações homoeróticas entre homens – não eram consideradas crime pelos romanos, de modo que faziam parte de seu cotidiano no século I d.C. Poetas como Marcial e Juvenal, entre outros, nos apresentam um panorama bastante diverso sobre tais comportamentos. São numerosas as menções a comportamentos sexuais não gerativos praticados entre homens e mulheres.

Referências a relações homoeróticas entre mulheres são muito escassas na literatura latina quando comparadas aos relatos homoeróticos entre homens. Representações em pinturas praticamente não existem. Dessa forma, dificilmente, Paulo estaria fazendo menção ao sexo entre mulheres.

Vicky León, pesquisadora e escritora, ao mencionar o homoerotismo feminino na Antiguidade grecorromana pontua que tais mulheres “tomavam o cuidado de se manterem invisíveis.”ⁱⁱⁱ p. 195

A condenação paulina mais provável refere-se ao sexo anal heterossexual e a outras formas de sexo não gerativas. Ainda sobre as mulheres do mundo grecorromano, Vicki León continua: “O sexo anal tinha alguns adeptos fiéis entre as

mulheres que não queriam engravidar: esposas, prostitutas, mulheres de governantes e escravas.” iv

Renato Lings, doutor em Teologia, expõe:

[...] Anastácio Sinaíta (século VII) descarta a teoria de que o versículo apresente uma referência a [relações entre mulheres]. Segundo ele, as mulheres se ofereceram a homens. Mais especificamente, o teólogo Clemente de Alexandria fala de como essas mulheres foram ‘companheiras da complacência’, praticando o coito anal com homens e fazendo mau uso ‘da passagem desenhada para o excremento.’ Um de seus sucessores, Agostinho de Hipona, está de acordo. Visto dessa ótica, o texto paulino destaca o aspecto insólito da atividade em que participaram tais mulheres: praticaram formas de sexo não destinadas à procriação.” v

A homossexualidade – conceito construído a partir da segunda metade do século XIX – não é resultado de paganismo ou idolatria. O texto paulino nada tem a ver com homoafetividade, mas com relações resultantes de degradação espiritual, as quais levaram ao hedonismo, o culto ao prazer. O que está em pauta é a adoração da criatura em vez do criador, inversão que levou homens e mulheres a cultuarem seus corpos e a satisfação sexual. Romanos 1, 26 e 27 é, sobretudo, acerca de promiscuidade sexual.

E O SEXO ENTRE HOMENS?

Roma era politeísta. Suas divindades, em determinados casos, eram altamente sexualizadas ou erotizadas. Paulo apresenta o homoerotismo masculino como resultado de uma corrupção espiritual, marcada pela inversão da verdadeira adoração. Para o Apóstolo, a inversão na adoração fez com que homens e mulheres subvertessem o padrão natural do sexo. Cerimônias em adoração a Apolo e Cibele eram altamente homoeróticas. O homoerotismo, entretanto, não ficou restrito aos referidos ritos. Tal subversão, segundo o texto, ocorreu intencional e voluntariamente, por parte de homens adultos. Estaria Paulo abordando a homossexualidade enquanto orientação sexual? Definitivamente,

não! Lourdes Conde Feitosa, doutora em história cultural, expõe:

“...em relação ao comportamento sexual no mundo grecorromano [...] os conceitos de “homossexual” e “heterossexual” são categorias [...] inapropriadas para compreender a experiência sexual no mundo antigo. Nesse universo, o fato de um “homem” fazer sexo com outro “homem” ou “mulher” não era suficiente para identificar a sua categoria sexual”. vi

A percepção da orientação sexual, seja homo ou heterossexual, é verificada pelos seres humanos ainda na adolescência ou mesmo na infância. Paulo fala de homens adultos (*ἄρρην* - árren) que abandonaram as relações com mulheres para se entregarem ao prazer sexual com outros homens. Tais práticas não são fruto de orientação sexual, mas daquilo que Paulo chama de “disposição mental reprovável” (v. 28). Alguém dominado por esse tipo de “disposição” se torna o centro da própria existência, não percebendo nada além de seus próprios interesses e desejos. A disposição mental reprovável faz com que seres humanos amem suas próprias pulsões e sejam por elas governados. Tal busca do prazer pelo prazer é denominada “hedonismo” — um estilo de vida bastante presente na Roma Antiga.

Os casamentos romanos eram arranjados por suas famílias e, normalmente, não se levava em consideração a vontade ou os sentimentos dos noivos. As esposas tornavam-se uma espécie de mal necessário, especialmente à geração de descendência:

“A mulher era um mero objeto de procriação e em geral nem mesmo servia de prazer para o marido. Com efeito, para realizar sua missão – parir filhos – ela não precisava de nenhum tipo de relação afetiva e menos ainda de satisfação sexual”. vii

Esse fato fazia com que muitos homens substituíssem as relações conjugais pela satisfação sexual fora do casamento, ainda que com outros homens, normalmente, jovens escravos ou prostitutas. O prazer masculino era soberano e os cidadãos romanos não estavam preocupados com o

gênero das pessoas que lhe proporcionavam satisfação sexual. Esse fato justifica a preferência por relações homoeróticas por parte de muitos homens romanos. Para uma sociedade tão permissiva em termos sexuais, esse comportamento não era condenado. Um cidadão romano poderia admitir a experiência sexual com outros homens em certos contextos e configurações sem temer represálias ou reprovação. A promiscuidade sexual era algo que nem a moral nem a religião romana condenavam:

“... Roma foi, não só em suas origens e mitologia, mas também na realidade e na prática, uma sociedade especialmente permissiva no tocante às liberdades e aos prazeres sexuais.” viii P.11

Definitivamente, Romanos 1, 26 e 27 não constitui uma condenação à homossexualidade. Em termos modernos, muitos gays e lésbicas nasceram em um lar cristão e não tiveram qualquer experiência com a prática da idolatria, muito menos com os deuses grecorromanos ligados à fertilidade ou ao erotismo. Pelo contrário, muitos homossexuais são cristãos piedosos, ensinados sobre a Bíblia desde a infância. Isso não os impediu, contudo, de serem homossexuais. Portanto, a homossexualidade não pode estar em pauta no texto analisado. ●



ALEXANDRE FEITOSA

É brasileiro e professor da Secretaria de Educação de Brasília desde 2001. É graduado em Letras Português (UnB), pós-graduado em Língua Portuguesa (Universo) e pós-graduado em Metodologia Exegética (SEBI). Desde 2006, dedica-se à pesquisa e ao estudo da Teologia Inclusiva. É autor de algumas obras como: “Bíblia e Homossexualidade: verdade e mitos” (2010) e “Quem está manipulando a Bíblia?” (2013). Sua obra mais conhecida é a “Bíblia de Estudo Teologia Inclusiva” (2017).

REFERÊNCIAS

i Compreende-se homoerotismo como toda manifestação histórica a qual retrata envolvimento sexual entre pessoas do mesmo sexo, especialmente em arte ou textos antigos quando a compreensão da homossexualidade enquanto orientação sexual inexistia.

ii CUATRECASAS, Alfonso: *Erotismo no Império Romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, P. 68 e 69.

iii LÉON, Vick, *O prazer do Sexo*, São Paulo, Apicuri Editora, 2015, p. 195.

iv Idem, p. 201.

v LINGS, Renato: *Um apóstolo homófobo? Releitura da Carta aos Romanos*.

vi FEITOSA, Lourdes Conde. *Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias*. Editora UFPR, 2008, p. 132.

vii CUATRECASAS, Alfonso: *Erotismo no Império Romano*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 15.

viii Idem, p.11.





MALAKOI & ARSENOKOITAI

1 Coríntios 6, 9-10

Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis; nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os abusadores de si mesmo com os do sexo masculino, nem os ladrões, nem os cobiçosos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os extorquidores, herdarão o reino de Deus.”(1 Co 6, 9-10)

Existe um ditado italiano que diz *traduttore, traditore*, ou seja, “tradutor, traidor”.

Muitas vezes, os tradutores vão além do ato de traduzir e incorrem em interpretações do texto original, fundamentados em seu próprio entendimento ou concepção do assunto abordado pelo autor, afastando-se, assim, do que realmente o texto original objetiva dizer.

Na busca do real propósito da passagem bíblica, a chave que abre a fechadura para se alcançar a compreensão dos versículos da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios 6, 9-10 é o significado das palavras gregas *malakoi* e *arsenokoitai*.

Uma das razões para a dificuldade em traduzir essas duas palavras é o fato de que o grego *koinè*, ancestral do grego moderno, não é uma língua usada em nossos tempos. A segunda razão é que a palavra *arsenokoitai* provavelmente foi cunhada pelo apóstolo Paulo. O apóstolo fez uma justaposição com os termos *arseno* e *koitai*. Na literalidade *arsenokoitai* poderia significar “homens que penetram outros homens”.

No entanto, essa relação sexual à qual o texto se refere não diz respeito à orientação sexual, conforme entendida atualmente. A relação entre pessoas do mesmo gênero possui no sexo o fruto de um envolvimento afetivo ou desejo sexual. Nos textos bíblicos usados para condenar pessoas LGBTQIAP+, o ato sexual descrito consistia no meio para se alcançar uma finalidade distinta de um prazer oriundo de um relacionamento consensual. A finalidade, na verdade, em alguns textos, era a idolatria e em outros o abuso sexual. Explico.

Quando a Bíblia de Estudo Palavra-Chave Hebraico-Grego da Casa Publicadora da Assembleia de Deus traz o significado da palavra *arsenokoitai*, ela traduz como “abusador de”.

Diante dessa tradução, as Bíblias que traduzem a palavra grega como “sodomitas” se encontram mais próximas da fidelidade com o texto original, porquanto os homens da cidade de Sodoma objetivaram um estupro sexual coletivo contra dois visitantes.

Nesse sentido, de todas as versões bíblicas que eu já li, a King James 1611 é a que traz a melhor definição para *arsenokoitai*, traduzindo o termo como “abusadores de si mesmo com os do sexo masculino”. Note como o texto se apresenta:

*“Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis; nem os fornicadores, **nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os abusadores de si mesmo com os do sexo masculino, nem os ladrões, nem os cobiçosos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os extorquidores, herdarão o reino de Deus”***

Ora, uma coisa é um sexo com uma finalidade de abuso sexual. Coisa distinta é o envolvimento de pessoas que vivenciam relações homoafetivas ou homossexuais consensuais, decorrentes de sua orientação sexual.

Passagem similar ao texto de Sodoma é descrita no Livro de Juízes 19. O texto descreve um homem levita que viajava com sua concubina e seu servo. Ao chegarem na cidade de Gibeá, buscaram abrigo, o que lhes foi negado. Um senhor, também estrangeiro, que residia naquela cidade, resolveu acolhê-los. Os homens de Gibeá, contudo, reprovando aquela hospitalidade, se reuniram na frente da casa do senhor exigindo que o levita visitante fosse lançado fora da casa para ser abusado. O levita, objetivando se livrar daquela situação, lança sua mulher fora da casa, submetendo-a a um abuso sexual coletivo durante toda a noite.

Os líderes religiosos, quando leem essa passagem, não encontram dificuldade em diferenciar um estupro coletivo de vários homens contra uma mulher das relações heterossexuais consensuais. O mesmo peso e a mesma medida deveriam ser aplicados para a passagem de Sodoma, porquanto não se tratava de homens homossexuais que objetivavam um sexo casual, mas sim, de um grupo de homens que tinham como finalidade humilhar dois visitantes por meio do estupro coletivo, prática usual naquele tempo.

Por sua vez, na busca da tradução da palavra *malakoi*, percebe-se que ela nada tem a ver com a concepção que se tem hoje dos homens ditos como afeminados.

A Bíblia em Hebraico Transliterado apresenta a seguinte tradução para a palavra grega *malakoi*:

“Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis: nem os fornicadores [devasos], nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados [ou covardes, ou moles], nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os aventos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores [usurpadores], herdarão o Reino de Deus.”

Observe que a versão em hebraico transliterado traz entre colchetes os termos “covardes ou moles”, porque o significado literal de *malakoi* é “mole”, indicando uma ideia comportamental, e não necessariamente do “ser afeminado”, como compreendido hoje. Até a Reforma Protestante, e no Catolicismo até o século XX, achava-se que *malakoi* significasse “masturbadores”. Segundo o historiador John Boswell, a tradução mais sensata para *malakoi* nesse texto seria “libertino”, “indisciplinado”, como também poderia significar “fraco”, mas nunca homossexual.

Flávio Josefo, na obra “A História dos Hebreus”, se refere aos judeus que viviam no tempo de Juízes como “efeminados”, dizendo que eles não queriam saber de trabalhar. Segundo Josefo, “os israelitas

deixaram então de fazer guerra, desejando apenas desfrutar em paz e com prazer os muitos bens de que se viam cumulados. Sua abundante riqueza lançou-os no luxo e na volúpia. Não se incomodavam mais em observar a antiga disciplina e tornaram-se surdos à voz de Deus e as suas santas leis. Assim, atraíram-lhe a cólera, e Ele lhes fez saber que era contra a sua ordem que eles poupavam os cananeus e que tempo viria em que, no lugar da bondade dispensada aos cananeus, experimentariam a crueldade deles. Esse oráculo deixou-os assustados, no entanto não os fez mudar de ideia e recomeçar a guerra, por causa dos tributos que recebiam daqueles povos e porque as delícias os haviam tornado tão efeminados que o trabalho agora lhes era insuportável”. ⁱ

Perceba que a palavra está sendo utilizada para descrever o caráter daqueles homens, não havendo relação com “gays afeminados”.

A Bíblia de Estudo Palavra-Chave Hebraico-Grego da CPAD apresenta a tradução da palavra *malakoi* como: de origem incerta; macio i.e., elegante (veste); (figurado), efeminado, delicado. ⁱⁱ

Essa tradução é confirmada, inclusive, na passagem do Evangelho Segundo Mateus, capítulo 11, versículo 8. Jesus, ao se referir às vestes de João Batista, fala ironicamente: “Sim, que fostes ver? Um homem ricamente vestido?”. Em outras versões, a tradução é “um homem com vestes finas?”. Esse adjetivo “finas” é *malakoi* no original grego.

Percebe-se, portanto, que o termo *malakoi*, traduzido como “efeminado”, não apresentava o mesmo significado dos dias atuais. Aliás, importante registrar que as palavras podem mudar de sentido, conforme tempo e/ou cultura. Na antiguidade, por exemplo, a palavra “piscina” era usada para se referir a um pequeno lago com peixes. Não era um local para nadar. Do mesmo modo, a palavra “célula” era usada para designar uma cela pequena. A palavra “célula” hoje designa uma parte do corpo humano. Por sua vez, analisando sob a ótica das diferentes culturas, a palavra “bico” no Brasil significa um trabalho extra. Por outro lado, “bico” em Portugal significa sexo oral. Do mesmo modo ocorre com a

palavra *malakoi*, quando traduzida como “efeminado”.

A despeito de todo o contexto que explica os possíveis significados das expressões *malakoi* e *arsenokoitai*, as Bíblias Nova Versão Internacional e a Nova Versão Transformadora traduzem, respectivamente, as palavras *malakoi* e *arsenokoitai* como “homossexuais passivos ou ativos” e “práticas homossexuais”.

Ora, como poderiam as palavras gregas *malakoi* e *arsenokoitai* serem traduzida como “homossexuais” ou “práticas homossexuais” se a Carta de Paulo aos Coríntios foi escrita no século I e a palavra homossexual surgiu apenas no século XIX?

A palavra “homossexual” foi utilizada pela primeira vez em uma carta escrita pelo médico teuto-húngaro Karl-Maria Benkert, datada de 06 de maio de 1868 (final do século XIX), endereçada ao juiz alemão Karl Heinrich Ulrichs (primeiro jurista assumidamente homossexual da História). A carta falava da teoria desenvolvida por Benkert, a qual gerou os termos homossexual e heterossexual.

Ao traduzir as palavras gregas como homossexuais, os tradutores incorrem no chamado anacronismo, erro que consiste em atribuir palavras ou costumes de uma época à outra. A intenção certamente é uma só: condenar a orientação sexual homossexual, o que fala da concepção do tradutor, e não da intenção do autor do texto.

Nesse ponto, ressalto que por muitos anos as igrejas pregaram a “cura” para os homossexuais. Contudo, a tal “cura gay” não aconteceu. A solução encontrada, então, foi pregar que não há problema em você ser homossexual. O problema passa a ser as “práticas homossexuais”. A nova pregação, claro, não deixaria de constar na Bíblia, conforme se verifica na NVT. Repare que quanto mais os tradutores objetivam inserir os homossexuais na reprovação contida em Coríntios, capítulo 6, versículos 9-10, mais se afastam do texto bíblico original.

Além disso, é importante registrar a evidente intenção de incluir lésbicas ao tra-

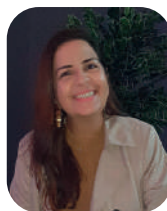
duzir as expressões gregas como “práticas homossexuais”. Ora, se o autor não objetivou a condenação de mulheres ao utilizar duas expressões empregadas no masculino, o que nos resta é concluir que as traduções dizem muito mais das concepções e interpretações dos tradutores.

Note, portanto, que não há como traduzir *malakoi* e *arsenokoitai* como “homossexuais ativos e passivos” ou “práticas homossexuais”.

Nós vivemos relações consensuais e apenas desejamos o reconhecimento do nosso direito de existir e de sermos felizes ao lado de quem amamos, independentemente de nossa orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero, pois assim Deus nos fez.

Desse modo, a passagem da I Carta de Paulo aos Coríntios 6, 9-10 nunca condenou pessoas por motivo de orientação sexual. O que temos são traduções feitas por um sistema de tradutores que objetivam a todo custo condenar a orientação sexual homossexual. Entre a busca do real sentido bíblico e o preconceito próprio, a escolha pela condenação homossexual, em detrimento do original do texto, pode ser bem mais rentável.

Fato é que se pode não saber com precisão o que as palavras *malakoi* e *arsenokoitai* significam. Porém, sabe-se o que elas não significam, e elas não significam “homossexuais ativos ou passivos”, e, muito menos, “práticas homossexuais”. Como a intenção, todavia, é simplesmente condenar, não se espante se a próxima versão bíblica traduzir *malakoi* e *arsenokoitai* como “comunidade LGBTQIAP+”. ●



KEILA GUEDES SILVA SANTOS

É especialista em Direito Homoafetivo e Gênero. Pesquisadora Bíblica e autora do livro “Pessoas LGBTQIAP+ e o direito a Deus”.

REFERÊNCIAS

- i JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. 28. ed. [S. l.]: Ed. CPAD, 2016. Pág. 251.
- ii BÍBLIA de Estudo Palavra-Chave Hebraico-Grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. Almeida Revista e Corrigida. (ref.3120). Pág. 2291.

The background features a white surface with several dark red blood splatters of varying sizes and shapes. A prominent red ribbon, symbolizing HIV/AIDS awareness, is wrapped around the left side of the page, crossing itself. The overall composition is dramatic and visually impactful.

Bíblia e HIV/AIDS: Sangue e Imundícia



Na história recente nos acostumamos a falar sobre doenças e enfermidades como situações puramente definidas por questões biológicas e naturais. Assim, supõe-se que as explicações dadas às doenças são racionalmente determinadas e a forma de lidar com elas uma decorência lógica, materializada em ações de prevenção e tratamento neutras e universais. O contexto em que emergem, as formas de transmissão e os lugares aos quais chegam não teriam nenhuma relação com condições particulares. Mais do que isso, as narrativas criadas sobre todas as questões envolvendo uma doença em particular (ou um conjunto de doenças) não teriam nenhuma relação com a “história social” de dita doença (GALVÃO, 2000; PARKER, 1994).

A AIDS, sem dúvida, é o exemplo mais forte desse tipo de situação vivenciada mundialmente no século XX (NASCIMENTO, 2005). Mesmo depois de meio século desde as primeiras suspeitas do surgimento de uma nova doença e da posterior identificação do vírus causador e das formas de transmissão, ainda há relativamente poucos consensos sobre sua origem. Mesmo assim, no imaginário social persiste uma ideia bastante generalista de que esteja relacionada a práticas e povos específicos, geralmente percebidas como imorais e inferiores em relação a outros povos e culturas. Dessa forma, para além de uma doença com uma história natural e social particular, a AIDS, enquanto doença, também se configura como e contém metáforas que apontam para formas de organização e controle social – marcadamente cisheteropatriarcais (SONTAG, 2004).

Da mesma forma, a maneira como o vírus se espalhou pelo mundo e os significados atribuídos a esse processo permanecem relacionados a uma narrativa criada num contexto particular e que foi incorporada e propagada, muitas vezes, com base em

preconceitos e sem uma preocupação com os fatos que desse conta de uma realidade complexa e multifacetada. Ainda que hoje esteja comprovado que a infecção pelo vírus HIV e o desenvolvimento da AIDS não estejam restritos a determinados grupos (como se afirmava nos anos de 1990), mantem-se o estigma que identifica ambos os processos com a qualidade moral de determinados indivíduos, suas formas de vida e seus comportamentos. A ideia de “grupos de risco” (identificados nos inícios da epidemia de HIV/AIDS como: homossexuais, prostitutas, usuários e usuárias de heroína, pessoas com hemofilia e – quem diria – pessoas do Haiti) foi suplantada, primeiro, pela ideia de “comportamentos de risco” e, depois, pela ideia de “vulnerabilidade”, apontando justamente para os múltiplos fatores que tornam uma pessoa “vulnerável” à infecção e ao adoecimento, especialmente as condições sociais na qual se encontra (BASTOS, 2006).

Na história social da AIDS, o primeiro nome atribuído à doença no contexto norte-americano foi GRID, sigla que, traduzida, refere-se a “deficiência imune relacionada a gays” [Gay Related Immune-Deficiency]. Outra denominação que se popularizou foi a ideia de “câncer gay”. E, apesar de todas as evidências contrárias, persiste no imaginário social e nos discursos de algumas lideranças políticas e religiosas a narrativa de que pessoas identificadas como homossexuais e, por extensão, o que hoje chamamos de pessoas LGBTQIAPN+ ou tudo relacionado à diversidade sexual e de gênero, eram “preferencialmente” atingidas pela doença. Numa perspectiva religiosa (e cristã), tal narrativa assumiu (e preservou) a ideia de que a AIDS seria um “castigo divino”, ou seja, que a doença seria uma forma de Deus punir comportamentos e modos de vida considerados equivocados, nomeadamente “pecado” (MUSSKOPF, 2020).



A ideia de uma relação causal entre doença e pecado/castigo/punição é parte do repertório de interpretações religiosas oferecidas na Bíblia (GERSTENBERGER; SCHRAGE, 2007). Especialmente no Antigo Testamento tal ideia parece ter prevalecido, de modo especial no processo de fixação dos textos escritos. Ainda assim, essa não é a única forma de entender as doenças, suas causas e a forma de lidar com elas nesses textos e mesmo essa perspectiva precisa ser entendida a partir de uma compreensão mais ampla de ser humano e sociedade daqueles contextos. Mas, sem dúvida, é essa compreensão e passagens que a refletem que informaram a ideia de que a AIDS era (é) um castigo divino. A mesma ideia também está presente no Novo Testamento e na forma como as narrativas sobre Jesus falam de sua compreensão sobre o tema. No entanto, além de não ser a única forma de entender as doenças, autores como Errhard S. Gerstenberger e Wolfgang Schrage sugerem que uma mudança fundamental na forma como o posicionamento de Jesus é apresentado está relacionada com

a importância que dá e as consequências que tira dessa relação - tema será aprofundado no texto “Bíblia e HIV/AIDS: sangue e vida” desta revista.

No caso da AIDS, o fato do vírus ser transmitido através de fluídos corporais (especificamente sangue e esperma), a relação simbólica estabelecida entre uma “doença” (com suas características biológicas e contextuais) e uma forma de “punição” por pecados cometidos (no caso de relações sexuais consideradas ilícitas) ficou ainda mais potente. O livro do Levítico é o conjunto de textos bíblicos mais utilizado para essa associação. Articuladas em torno de códigos de pureza e impureza, as leis recolhidas aí, com todas as suas descrições e prescrições sobre os fluídos corporais e a relação entre os corpos, são atualizadas dentro do marco moral pré-definido em relação à AIDS, trazendo “à luz um repertório de preconceitos e estigmatizações que estavam adormecidas na consciência de muitas pessoas ou silenciadas propositalmente por outras” (SAM-PAIO, 2002, p. 23).

Dentro do sistema proposto pelo Levítico, segundo Nancy Cardoso (2013): “As partes moles, úmidas, líquidas e modificadas/modificantes pertencem ao mundo do ‘perigo’, e por isso são marcadas pelo sinal do ‘impuro’ e podem assumir o extremo da ‘abominação” (p. 177). Na ordenação da vida social o “poder de comunicação/transmissão são identificados nos fluídos corporais (sêmen, sangue, pus, saliva, etc.) que extrapolam suas potencialidades para além do próprio corpo e assumem caráter condutor das relações interpessoais, grupais, sociais e até ambientais” (p. 181). Assim, é preciso entender tal sistema no seu conjunto e na sua forma de funcionamento, pois: “O Levítico, sem crítica e sem mediações, passa a formar parte do circo de horrores da teologia retributiva e patriarcal sem corpo, contra o corpo e apesar do corpo” (p. 182).



Os usos e preconceitos da leitura do Levítico e outros textos bíblicos têm servido de combustível para as pretensões de reforço do poder da igreja patriarcal, elitista e homofóbica do cristianismo ocidental, que reivindica para si a função de guardião de uma pretendida heterossexualidade normativa e universal que trata de naturalizar as proibições. Os medos de *contágio* – que insistem na vinculação entre aids/desordem/castigo – encerram em si uma ideologia heterossexual colonizadora dos corpos, baseada na homogeneidade e repetição do mesmo – uma porno-grafia – expressas nas formas clássicas de teologia sistemática e no ‘lobby’ das hierarquias contra outras formas de organização e vivência do sexo, das relações, das peles e do pelo (p. 189-190).

Para superar a relação problemática e condenatória estabelecida entre HIV/AIDS e diversidade sexual e de gênero é necessário adentrar nos mecanismos da linguagem religiosa e seus significados acionados para a culpabilização de determinados indivíduos e grupos sociais. Isso implica identificar as relações de poder e formas de controle da ordem social, evidenciando hierarquias e interesses – tanto nos textos sagrados quanto na atualidade. A ameaça dos fundamentalismos e do sequestro da religião para a manutenção de relações injustas e violentas não pode ser subestimada e deve ser chamada pelo seu nome. ●



ANDRÉ MUSSKOPF

Doutor em Teologia. Professor do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa Religião, Educação e Gênero – REDUGE.
asmusskopf@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Francisco Inácio. *AIDS na terceira década*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- CARDOSO, Nancy. *Corpora fluida: contaminación y peligro en el imaginario religioso – Lectura crítico-antropológica del Levítico bíblico*. In: BOEHLER, Genilma; BEDURKE, Lars; SILVA, Silvia Regina de Lima (ed.). *Teorías queer y teologías: estar... en otro lugar*. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2013. p 175-190.
- GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. 3ª ed. revista. São Leopoldo: EST, CEBI, Sinodal, 2007.
- MUSSKOPF, André S. *Nem Santo te protege – AIDS, teologia e religião de bolso. Série Ensaio Teológicos Indecentes. Vol. 1*. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX – tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada. Coleção História e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- PARKER, Richard; BASTOS, Cristiana; GALVÃO, Jane; PEDROSA, José Stalin (orgs.). *AIDS no Brasil (1982-1992)*. 2ª ed. *História social da AIDS n. 2*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA; IMS-UERJ, 1994.
- SAMPAIO, Tânia Mara. *Aids e religião: aproximações ao tema. Impulso, Piracicaba, Editora Unimep, v. 13, n. 32, set-dez, 2002*.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora – AIDS e suas metáforas. Tradução Rubens Figueiredo e Paulo Henrique Britto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



**Eu, porém,
vos digo**





Bíblia e libertação:

ENCONTRANDO-SE NO TEXTO SAGRADO



Precisamos tirar a Bíblia do armário. Há muito tempo (tempo demais) o texto sagrado é usado para ferir as pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero. E não só por meio da seleção e uso de umas poucas passagens que supostamente condenam as sexualidades e experiências e expressões de gênero dissidentes, como vimos na Parte I, sobre os sete “textos do terror”. Esses sete textos, juntos, somam pouco mais de 30 versículos, quando a Bíblia toda tem mais de 30 mil versículos. Porém, tão grave ou pior do que selecionar 30 versículos em 30 mil para condenar as dissidências de sexualidade e gênero, é ignorar no texto bíblico as experiências sexuais e de gênero dissidentes; ignorá-las a ponto de quase conseguir apagá-las, como se não existissem. Mas elas estão lá. Nós, com nossas sexualidades e expressões de gênero fora das normas, estamos lá. E nos encontrarmos no texto bíblico é fundamental para resgatarmos a dimensão libertadora das nossas escrituras, ajudando-nos a viver plenamente nosso encontro com o sagrado e com a fé.

As normas que pretendem organizar as experiências humanas de sexualidade e de gênero são diferentes em diferentes lugares, culturas, momentos históricos e contextos sociais. E, assim como as normas variam, mudam também as formas como as pessoas, em cada um desses diferentes lugares, culturas, momentos históricos e contextos sociais, vão se adequar em maior ou menor grau às normas vigentes, por um lado, e, por outro, se afastar delas, em maior ou menor grau. (Aliás, é importante ter em mente que ninguém encarna integralmente as normas. Nesse sentido, todo mundo apresenta alguma dissidência, em alguma medida.) Ora, se as normas apresentam configurações distintas, também as dissidências em relação às normas assumem formas variadas.

Um exemplo é a passagem de Mt 8, 5-13, quando um centurião, líder de um destacamento do exército romano que ocupava a Palestina, implora a Jesus que cure um servo seu, que está muito doente. O que passa despercebido e não é comentado nas diferentes traduções do texto é o que o teólogo espanhol Xabier Pikaza mostra – que o termo pais, que é traduzido simples-

mente como “servo”, na verdade se refere a um tipo de relacionamento específico da cultura romana da época: o “servo” é também amante do centurião. Por isso o militar romano está tão desesperado, a ponto de procurar Jesus e suplicar-lhe por um milagre. Porém, ele não é só um pagão; como comandante das forças invasoras, é visto pelos judeus como um “inimigo”. Pior, é alguém que vive um tipo de relação fora das normas sexuais e de gênero da sociedade judaica da época. Como autoridade militar romana, o centurião tinha o poder de dar ordens a qualquer judeu. Ele poderia ter simplesmente ordenado a Jesus que fosse até sua casa e curasse seu servo/amante. Ainda assim, ele demonstra imensa fé e profunda humildade ao pedir: “Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e o meu servo ficará curado”. É uma expressão de fé tão impactante que foi incorporada ao rito católico romano, sendo recordada pela assembleia antes da Santa Ceia.

O próprio Jesus fica tão impressionado com a atitude do centurião que chama a atenção das pessoas ao redor: “Em verdade vos digo, que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé”. E faz um alerta: a fé e o amor a Deus serão a medida para ter um lugar em Seu reino. À luz da mensagem bíblica mais ampla, entendemos que a mera conformidade às leis e às normas, sem amor, não bastará para estar no reino de Deus. E é um excluído do povo de Deus – excluído em muitos sentidos: estrangeiro, pagão, inimigo e dissidente das normas sexuais – que maravilha o próprio Jesus e é visto até hoje como modelo de uma fé exemplar. É muito significativo que o centurião expresse essa fé tão sólida movido por uma conexão amorosa profunda com seu servo/amante. Seu amor alimenta a sua fé.

A reverenda Nancy Wilson, em seu livro “Nossa tribo: gays, Deus, Jesus e a Bíblia”, dá vários exemplos da presença de dissidentes das normas sexuais e de gênero em diferentes contextos no texto bíblico. Entre os mais conhecidos estão a relação

entre Davi e Jônatas, cuja morte Davi lamenta dizendo “Tu me eras imensamente amado, o teu amor me era mais caro que o amor das mulheres” (2 Sm 1, 26); e a história de Rute e Noemi, narrada no livro de Rute. Rute, nora de Noemi, permanece com a sogra mesmo depois que esta enviúva e se vê desprovida de recursos. Noemi insiste que Rute volte para seu povo, mas esta se recusa a abandoná-la, pronunciando um voto de amor e fidelidade tão tocante que é amplamente adotado em cerimônias de casamento: “Não insistas comigo para eu te deixe, pois para onde fores, irei também; onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo, e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada” (Rute 1, 16-17).

As histórias dessas pessoas apresentam vínculos poderosos, em que o amor é o fundamento de uma forma de se relacionar, pautada por uma ética de entrega, dedicação, cuidado e fidelidade ao outro. As narrativas que se desdobram a partir daí são tão belas que – ainda que envolvam encontros amorosos fora do esperado e do habitual no contexto social, histórico e cultural em que acontecem; ainda que tratem de ligações amorosas que contrariam as normas sexuais e de gênero de seu tempo e contexto, e de outros tempos e contextos – há milênios comovem e inspiram quem as lê.

Precisamos lembrar que, na Israel bíblica, a fertilidade era entendida como manifestação da aliança com Deus. Desde a promessa de descendência numerosa feita por Deus a Abraão, a fertilidade da terra nas colheitas, a fertilidade dos rebanhos ao se multiplicarem, a fertilidade das mul-

heres casadas ao gerar filhos eram sinais da aliança entre Deus e seu povo. Numa compreensão bastante literal, a fertilidade concreta seria a materialização da vida em abundância gerada pelo Deus Criador e anunciada como Boa Nova por Jesus. Nesse contexto, é profundamente significativo que essas histórias tenham sido incluídas no texto sagrado, justamente por tratarem de casais, digamos, “heterodoxos”. São “heterodoxos” no sentido de que escapam à norma da fertilidade literal, que se traduzia numa expectativa de reprodução, de geração de prole. Apesar de escaparem à norma reprodutiva, esses personagens são tomados como exemplos de beleza e profundidade amorosa, como materialização de vida, mas não no sentido estritamente biológico. A vida que se multiplica aqui, a vida que se manifesta como potência criadora, a vida em plenitude, a vida abundante que é expressão da criatividade divina, é a vida que emerge no encontro; é a vida que emerge da abertura amorosa que é imagem do Deus que é Amor (1Jo 2: 5-11).

Deus é um acontecimento amoroso de profunda abertura, entrega e encontro com o outro; não à toa, é um Deus que vem a nós – Emanuel, Deus-Conosco – e se entrega em alimento. Deus, esse acontecimento amoroso, é vida em abundância, que jorra em profusão como fonte de água viva por toda a eternidade (Jo 4, 13-14). E as histórias desses amores humanos tão heterodoxos nos revelam que a vida que nos é prometida – a Vida que é Amor, a Vida e o Amor que são a verdadeira natureza desse Deus que se entrega todo a nós em Sua capacidade de criação e geração amorosas – está muito além da vida material en-



cerrada na dimensão biológica das nossas existências. A Vida e o Amor que são Deus são muito maiores, estão muito além da biologia humana.

Nesse sentido, temos uma chave para compreender o lugar dos eunucos no texto bíblico. Em sentido estrito, eunucos seriam homens castrados. Contudo, o próprio Jesus, ao falar em eunucos que “nasceram assim” (Mt 19, 13), nos sugere que a referência a “eunucos” pode ir além desse sentido da castração literal. Temos aí uma pista de que, para além de sua esterilidade no sentido biológico, de sua incapacidade de gerar prole, os eunucos são pessoas em situação irregular, fora da norma reprodutiva. Dissidentes, portanto. Ainda assim, o profeta Isaías adverte para que os eunucos não se considerem “árvores secas”, e anuncia: se permanecerem fiéis, Deus lhes dará, dentro de Sua casa, “um monumento e um nome mais preciosos do que teriam com filhos e filhas”. Apesar da falta de descendência literal, em forma de filhos e filhas, Deus lhes oferece algo ainda mais precioso: “um nome eterno, que não será extirpado” (Is 56, 3, 5).

A profecia de Isaías 56, que se refere não só aos eunucos, mas também aos estrangeiros de maneira geral (ou seja, aqueles e aquelas que não são parte do povo de Deus), é esperança de inclusão para quem, pelas normas, fica excluído da comunidade e do culto. Àqueles e àqueles excluídos pelas normas, Deus promete: “esses eu trarei ao meu santo monte e lhes darei alegria em minha casa de oração. Seus holocaustos e seus sacrifícios serão aceitos em meu altar; pois a minha casa será chamada casa de oração para todos

os povos” (Is 56, 7). A promessa se cumpre, por exemplo, no Novo Testamento, quando Filipe, inspirado por um anjo, vai ao encontro do eunuco etíope (não só eunuco, portanto, mas também estrangeiro; ou seja, duplamente excluído) e o batiza (At 8, 26-39).

Deus subverte as normas que excluem pessoas de Seu povo com base em atributos físicos ou capacidade biológica de gerar uma descendência. A lei que devemos seguir para permanecermos em Deus é a lei do Amor, vivido na abertura e na entrega ao encontro com o outro. O mandamento ético de Deus, o mandamento novo, o mandamento maior, é o Amor: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13, 34-35).

Como dissidentes das normas sexuais e de gênero, conhecemos muitas formas de exclusão das nossas comunidades de fé, um sem-número de apagamentos de quem somos e das nossas experiências de sagrado. Mas aqui podemos nos deparar com um paradoxo: no momento em que somos excluídos, no momento mesmo em que nos vemos fora dos limites da comunidade, fora dos limites do mundo que é conhecido, estabelecido, fixado e organizado pelas normas, longe do Deus feito à imagem e semelhança desse mundo e dessas normas – neste mesmo momento somos convidados a reinventar, reencontrar formas de existirmos. Precisamos reinventar a nós mesmos e nossas experiências de mundo, de vida e de sagrado.



Nesse processo, podemos ser abençoados com a recriação de nossas experiências de fé, e de Deus. E é justamente esse o convite que Jesus nos faz: para ver o Reino de Deus, é preciso nascer de novo (Jo 3, 3).

A Bíblia pode ser muitas coisas. Deveria ser sempre Palavra Sagrada e Bendita; mas tantas vezes é violentamente mal-usada, e mal-dita. Especialmente nós – dissidentes das normas sexuais e de gênero em vigor neste mundo, neste tempo e nesta Igreja – temos como vocação singular a escuta do texto bíblico não como letra morta, nunca como lei sem Amor, mas sempre como alegre diálogo e feliz encontro com a Boa Nova encarnada por Cristo. O anúncio do Amor incondicional e irrestrito de Deus precisa iluminar os caminhos que percorremos em nossas vidas e em nossas relações, como pessoas e como comunidades.

É sempre à luz da Boa Nova de Amor, da Boa Nova que é Vida Abundante, que todas e todos nós, que caminhamos nos passos de Jesus, precisamos redescobrir a Bíblia e reaprender a lê-la, de novo, a cada vez; e então ofertar, como dádiva para a Igreja – a Igreja que somos juntos e juntas, a Igreja que somos uns para os outros, umas para as outras –, essa chave de uma leitura bíblica que seja reconversão permanente à sua mensagem de Amor, para que a Bíblia seja sempre para nós, povo de Deus, caminho de comunhão e libertação. Só assim a Bíblia será, de fato, Palavra de Salvação. ●



CRIS SERRA

É psicóloga e pesquisadora de gênero e religião. Atua no movimento brasileiro de dissidentes de gênero e sexualidade cristãos desde 2008, tendo integrado a coordenação da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT de 2018 a 2021 e o board da Global Network of Rainbow Catholics entre 2020 e 2022. Publicou, pela Metanoia Editora, “Viemos pra comungar: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja” e “Para que tenhamos vida: saberes e fazeres de coletivos cristãos de feministas e de dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil” (no prelo). Faz parte da rede de ativistas de Católicas pelo Direito de Decidir.

REFERÊNCIAS

PIKASA, Xabier. *Jesus cura o amante do centurião*. *Diversidade Católica*, 04/11/2017. Disponível em: <<https://www.diversidadecatolica.com.br/2017/11/04/jesus-cura-o-amante-do-centurião/>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

WILSON, Rev. Nancy. *Nossa tribo: gays, Deus, Jesus e a Bíblia*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012. 276 p.





**BÍBLIA E
HIV/AIDS**

SANGUE E VIDA



No texto “Bíblia e HIV/AIDS: sangue e imundícia”, discutiu-se como uma determinada narrativa sobre a AIDS entrou e se fixou no imaginário social, estabelecendo a conexão entre práticas e comportamentos considerados imorais a infecção e o adoecimento. Viu-se, também, como a relação com os fluídos corporais implicados na transmissão do vírus HIV reforçou essa conexão, resultando na (ainda maior) estigmatização de determinadas pessoas e grupos sociais. Ademais, refletiu-se sobre como a religião participou desse processo emprestando determinadas compreensões que podem ser identificadas com passagens e narrativas bíblicas específicas e suas interpretações e apropriações tanto no contexto original quanto em diferentes momentos na história, inclusive na atualidade.

Neste texto, busca-se refletir sobre como as próprias narrativas bíblicas podem oferecer elementos para um tratamento diferenciado dessas questões. Como dito, não se trata de buscar equivalências e comparativos simples, mas, a partir da experiência concreta de quem lida com essas situações, pensar em leituras que possam, desde o próprio campo religioso e com as suas ferramentas, encontrar formas de promover a vida e o bem-estar. Os textos bíblicos tanto podem oferecer contribuições para questões e relações contemporâneas, quanto essas questões e relações podem ajudar a criar novos sentidos para os textos. É no encontro entre texto e vida/experiência que novos conhecimentos e práticas sociais podem ser experimentadas.

Em relação ao Levítico e outros textos do Antigo Testamento é necessário compreender como e com quais objetivos determinadas compreensões são articuladas e as consequências de seus usos, bem como perspectivas conflitantes que convivem nos próprios textos oferecendo múltiplas possibilidades de leitura. Em relação ao Novo Testamento, como anunciado no texto “Bíblia e HIV/AIDS: sangue e imundícia”, é possível entrever diferenças que são importantes para recolocar o discurso religioso, seja na relação com doenças de modo geral e sobre HIV/AIDS de modo específico. Segundo Erhard S. Gerstenberger e Wolfgang Schrage: “de acordo com o NT,

o sofrimento não é considerado primordialmente sinal do pecado e do juízo, mas da provisoriedade e da salvação” (GESTENBERGER; SCHRAGE, 179). Os autores afirmam ainda:

O próprio Jesus não nega uma relação entre pecado e culpa, rejeita, porém, a tendência de inferir do sofrimento de alguém conclusões sobre seus pecados especiais. [...] [a doença, o desastre, o sofrimento] nada mais é para Jesus do que um chamado ao arrependimento e não um motivo para cálculos teológicos sofisticados, conclusões a posteriori e tentativas de explicar o sofrimento humano. Rejeita-se toda a possibilidade de calcular ou racionalizar o nexos causal de culpa e pecado. (p. 177)

Especialmente em narrativas que envolvem polêmicas entre Jesus e lideranças religiosas de seu tempo, Jesus “chama a atenção dos inquiridores para si mesmos. Aqueles desastres não são um castigo específico para os que por eles foram atingidos, antes conclamam todos ao arrependimento” (p. 177). Essa visão coloca todas as perguntas sobre a relação de HIV/AIDS com supostos comportamentos considerados imorais ou ilícitos em suspensão. Na perspectiva do que se tem trabalhado em relação à prevenção e tratamento do vírus e da doença, transfere a responsabilidade para as condições sociais que fazem com que indivíduos e grupos sociais sejam atingidos e sofram por um lado e, por outro, convoca todas as pessoas a buscar formas de superar preconceitos, desigualdades e injustiças e promover a vida.

Ou seja, doenças e enfermidades são questões de responsabilidade coletiva – e de saúde pública. A estigmatização, exclusão e violência praticada contra indivíduos ou grupos sociais específicos baseadas em metáforas que atribuem significados morais e acionam dispositivos de medo precisam ser superadas. Isso se refletirá em relações mais justas e vida digna para todas as pessoas direta ou indiretamente atingidas. No campo religioso e cristão, narrativas contidas nos textos sagrados podem ajudar a encontrar uma outra linguagem para falar sobre tais questões e incentivar a conversão

(mudança de caminho).

A narrativa encontrada em Lucas capítulo 17, versos 11 a 19, conhecida como “a cura de dez leprosos”, é um exemplo desse tipo de leitura possível. A “lepra” (hanseníase) é uma dessas doenças carregadas de sentidos metafóricos que têm interferido prejudicialmente no próprio diagnóstico, no tratamento e na convivência social das pessoas que vivem e convivem com ela. Por algumas características sintomáticas (por exemplo, erupções na pele), mas também pelo tratamento dispensado a essas pessoas no passado (e, ainda, no presente), a lepra/hanseníase foi, muitas vezes, identificada com a AIDS, fazendo coincidir as metáforas atribuídas às duas doenças e as suas consequências.

Segundo Erhard S. Gerstenberger e Wolfgang Schrage, no Antigo Testamento a lepra aparece como uma doença especialmente temida que “acarretava a exclusão de todo contato humano (Lv 14.45s; Dn 4.29)” (p. 32) e “representava ‘açóites’ de Deus” (p. 33), fazendo com que “os leprosos não [fossem] admitidos, sob hipótese alguma, ao culto” (p. 34). Essa compreensão reverbera no Novo Testamento, onde:

É possível deduzir a implicação religiosa já do simples fato de que a doença, de acordo com a concepção de época, excluía da participação do culto, pois a doença torna o indivíduo impuro, e os atingidos devem ser evitados ou até proscritos. Isso não tinha motivos higiênicos, mas culturais (cf. Lv 13-14). Não é pelo perigo de contágio que os dez leprosos se mantêm afastados (Lc 17.12), mas só por tornarem imundo (cf. Lv 13.45s). Por essa razão, a doença estava relacionada à desintegração social e miséria religiosa (p. 126).

Várias compreensões aí expressas têm sido revividas no contexto da epidemia de HIV/AIDS, nem sempre de maneira explícita, mas muito real. A novidade da narrativa de Lucas 17 em relação à compreensão geral sobre essa (e outras) enfermidades e a forma como as pessoas acometidas por elas são tratadas, está na forma como a questão é tratada por Jesus e o significado que assume dentro do seu projeto de

salvação/justiça. O próprio texto expressa a autocompreensão dos “leprosos” sobre sua condição mantendo-se distantes e, ao mesmo tempo, o seu pedido de ajuda (v. 13). Jesus não os repreende em nenhum momento, mas pede que eles se apresentem às lideranças religiosas (sacerdotes). Ao seguirem essa recomendação eles são “purificados” (v. 14). Na segunda parte da narrativa há um elemento adicional que explicita a intenção da narrativa: um dos que foram curados retorna para agradecer a Jesus “dando glória a Deus em alta voz” que, surpreendendo-se, termina dizendo “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (v. 19). O texto faz questão de destacar que essa pessoa que retornou era um samaritano/estrangeiro.

Quando se toma a concepção tradicional da relação entre doença e pecado/punição divina e suas consequências para a vida em comunidade, a narrativa de Lucas 17 apresenta um grupo de pessoas excluídas por conta de sua condição de saúde (do ponto de vista religioso vista como “impureza”) que vão em busca de alívio para os seus sofrimentos. Nessa busca encontram Jesus que os respeita, acolhe e orienta, sem que nada em relação a sua doença ou vida seja questionado. A recomendação de se apresentarem às lideranças religiosas oficiais indica tanto o questionamento da sua compreensão e do tratamento por elas dispensado, quanto um desafio de re-inserção dessas pessoas nas suas comunidades de origem. O destaque dado ao fato de que apenas uma das pessoas retornou e de que se tratava de um estrangeiro, enfatiza ainda mais a ideia de acolhimento de quem é considerado “diferente” e, por isso, excluído do convívio.

As curas e milagres são um elemento bastante comum nas narrativas sobre Jesus nos textos do Novo Testamento. Há muitos significados e compreensões atribuídas a elas como uma linguagem para falar sobre a experiência religiosa das pessoas (REIMER, 2012). Um outro relato que pode ajudar a re-situar a compreensão e tratamento sobre HIV/AIDS no campo religioso e cristão, bem como sobre a relação entre essa questão e a diversidade sexual e de gênero encontra-se no livro de Mateus, capítulo 8, versos 5 a 13.

Nessa narrativa, um soldado romano (centurião) vai até Jesus buscando ajuda para o seu criado que está, segundo o texto, “em casa, de cama, paralisado, sofrendo horrivelmente” (v. 6). Há razões suficientes para pensar que a relação entre esse soldado e o seu criado estão para além de obrigações formais de trabalho e envolvem, pelo menos, grande afeto e estima, sugerindo uma relação homoafetiva. Além disso, a afirmação, por parte do soldado, de “não ser digno” de que Jesus vá até sua casa reforça a ideia de autocompreensão de uma situação de exclusão que pode tanto estar ligada ao relacionamento entre esses dois homens, quanto ao fato de o primeiro ser, também, um estrangeiro a serviço do Império Romano (MUSSKOPF, 2004).

Também nessa narrativa a questão está menos nas informações específicas ligadas à enfermidade e às relações e comportamentos dos personagens e mais na forma como Jesus age em relação a elas. Da mesma forma que em Lucas 17, Jesus respeita, acolhe e disponibiliza ajuda – apesar das reticências de quem o procura. Não há nenhum questionamento sobre a especificidade da doença ou como foi contraída, sobre as particularidades do relacionamento entre os dois homens ou qualquer outra questão a respeito de suas vidas. Pelo contrário, também aqui o interlocutor é apresentado como um exemplo de fé – “nem mesmo em Israel achei fé como esta” (v. 10) – que produz efeitos na vida concreta da pessoa por quem ele intercede – “Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E naquela

mesma hora o criado foi curado” (v. 13).

Para quem tem familiaridade com situações de pessoas que vivem com HIV/AIDS e se sentem excluídas das suas comunidades, inclusive religiosas, há vários elementos na narrativa que permitem estabelecer uma relação com a experiência narrada no texto. O sentimento de “indignidade”, infelizmente, não é incomum. A culpa e o medo da reação (inclusive nos serviços de saúde) são ainda muito comuns. O isolamento e o cuidado delegado a companheiros e amigos e amigas diante da ausência de outros espaços e redes de apoio também são experiências comuns nesses casos, particularmente para pessoas LGBTQIAPN+.

Há, sem dúvida, vários outros elementos a serem considerados em relação às narrativas aqui brevemente apresentadas e que podem aprofundar a reflexão. Ainda assim, a boa notícia presente nos dois textos no contexto da epidemia de HIV/AIDS é de que, nos dois casos, as pessoas afetadas por enfermidades (ou alguém em nome delas) buscam formas de aliviar seus sofrimentos, afirmando seu direito à vida digna. Nos dois casos, se trata de pessoas excluídas de suas comunidades, inclusive pelo fato de serem estrangeiras. Além disso, nos dois casos os personagens são apresentados como exemplos de fé a serem seguidos, sem nenhum questionamento em relação às condições específicas de suas enfermidades ou modos de vida.



A Bíblia não oferece afirmações definitivas e válidas para todos os lugares e contextos. Quando se tratam os textos bíblicos dessa forma (fundamentalista) se dá “margem à dissimulação, à mentira, à falsidade nas relações, à dubiedade de sentimentos, à culpabilidade doentia” (GEBARA, 2015, p. 36). A Bíblia, assim como qualquer outro texto sagrado ou prática religiosa deve ser lida e relida a partir das situações atuais que atingem as pessoas e comunidades. O critério de leitura e interpretação deve ser a promoção da vida, na forma de paz com justiça para tudo e para todas. ●



ANDRÉ MUSSKOPF

Doutor em Teologia. Professor do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa Religião, Educação e Gênero – REDUGE.
asmuskopf@hotmail.com

REFERÊNCIAS

GEBARA, Ivone. *As epistemologias teológicas e suas consequências*. NEUENFELDT, Elaine G.; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs.). *Epistemologia, sexualidade e violência*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. p. 31-50.

GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. 3ª ed. revista. São Leopoldo: EST, CEBI, Sinodal, 2007.

REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das Mãos - Curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MUSSKOPF, André S. *Bíblia, cura e homossexualidade*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v. 49, 2004. p. 88-100.

Jesus

**E A DIVERSIDADE
SEXUAL E DE GÊNERO:**

O SILÊNCIO QUE DIZ



No princípio era Aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ela estava com Deus no princípio.” João 1, 1-2

“Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e que as registrou. Sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos.” João 21, 24-25

Quando fui convidado para escrever sobre esse assunto minha primeira indagação foi “é muito simples explicar, afinal é só dizer que Jesus nunca disse nada sobre pessoas LGBTI+”. Mas daí, quando sentei para escrever o primeiro parágrafo fiquei pensando em tantas coisas. O que se pode escrever ou dizer sobre o silêncio? Quantas pessoas, assim como nós, já passaram pela experiência de lidar com o silêncio como resposta? Todo silêncio é igual? Nesse texto vamos deflagrar um silêncio encontrado em toda a história de Jesus registrada e com coragem e (ir)reverência vamos conversar e falar sobre o que Ele não disse.

Uma vez eu escrevi uma carta de amor a um rapaz com quem tive uma relação profunda por 11 meses. E não era uma simples carta. Me empenhei em fazer poesias, fotos, registros de conversas que tivemos. Imprimir o livro (de mais de 10 páginas) em papel especial, fiz um pacote todo rebuscado e mandei por correio. Duas semanas depois uma amiga que sabia do romance perguntou pra mim o que ele disse sobre o presente e foi quando eu respondi “não sei, ele não falou nada” e no ímpeto ela reagiu “que droga”. Confesso que eu estava tranquilo até ela reagir e imediatamente comecei a ter uma crise de ansiedade. Perceber o silêncio como uma resposta foi entender que qualquer conclusão que eu pudesse gerar era fruto de especulações e então a paz se tornou em angustiado sem fim. Aquele silêncio era como um desprezo, um descaso com minha existência.

Como se reage diante de um silêncio? O que ele significa? Quanta angústia a gente vive porque simplesmente não tem uma resposta concreta que nos aponte pra

uma realidade para a qual precisaremos lidar? Já foram tantas perguntas feitas só nesse até aqui e até agora nenhuma resposta, nenhum horizonte a se pensar. Tanta angústia pra se resolver e no centro do silêncio que dá título ao texto a figura responsável por chamarmos esse ano de 2023. Um homem que dividiu a história moderna e contemporânea em “antes e depois” dele e que até hoje tem suas falas (e seus silêncios) utilizados como justificativa de vida e prática de grande parte do mundo. Inclusive de gente que sequer o considera como referência de fé e espiritualidade, mas mesmo sem perceber, tem sua visão de mundo moldada por reflexos de seus passos aqui na terra.

A Bíblia vai falar sobre Jesus como o Verbo/Palavra que estava desde a criação, inclusive em referência ao próprio Gênesis 1, no qual Deus cria as coisas por meio da Palavra. Foi por meio da palavra que a Terra, que estava sem forma e vazia, passou a ter ordem. É importante perceber que, quando falamos sobre Jesus, falamos sobre um homem (e um Deus) que sabe a importância do falar/nominar. Faz parte do caráter de Deus usar a palavra como construtora da norma, e fez parte do ministério de Jesus disputar aquilo que era dito como ordem. E essa mesma bíblia, inclusive no mesmo livro, que é o Evangelho de João, diz que ainda faltariam palavras para registrar tudo o que Jesus fez. A palavra d’Aquele que é O Verbo pode ser sim o ponto de partida, mas não é, nem de longe, onde tudo se acaba. Há muita vida e potência no mistério que se contempla daquilo que ainda não se disse sobre.

O silêncio de Jesus sobre nossas cores tem duas grandes chaves que se podem operar. Quero começar pela chave de resposta para quando querem colocar palavras na boca do Cristo e como podemos reagir diante daquelas pessoas que querem usar a bíblia e a memória de Jesus para propósitos completamente opostos à vitória de Jesus na cruz. Deus não é ingênuo, muito menos inexperiente e contemplar essa dimensão do Seu caráter nos preenche com a certeza de que, se de fato houvesse uma intenção clara na Trin

dade em dizer que nossas identidades são condenáveis, Jesus jamais cumpriria seu ministério sem deixar passar esse ponto. Se alguém acha que Deus deseja morte de alguém (especialmente da população LGBTI+), não entendeu a cruz de Cristo. Se alguém manipula a bíblia pra pregar isso, profana a cruz e nega o próprio Cristo!

Nós, pessoas LGBTI+ somos experientes em subverter e ressignificar as palavras. A própria palavra “gay” tem uma origem em uma forma pejorativa de se referir a “alegre” para ridicularizar homens afeminados. Nos apropriamos dela e hoje tenho orgulho de dizer que sou gay! Bicha, viadinho, seguem na mesma lógica ou até para as população trans, a identidade “travesti” nem sempre foi motivo de orgulho. Ser “queer” foi, por muito tempo, motivo de vergonha, porque uma tradução literal da palavra é “esquisito/estranho”. Nós, população LGBTI+ fazemos com as palavras o que nós cristãos fazemos com a Cruz. E eu amo estar nessa interseccionalidade.

Morrer crucificado por muitos anos foi motivo de vergonha. A apropriação da Cruz de Cristo como símbolo de orgulho, de vitória, de honra, utiliza o mesmo dispositivo. Tal transformação está no cerne do cristianismo. A crucificação era considerada no mundo antigo como uma forma de humilhação e tortura, tanto como uma maldição quanto como uma punição. Demorou muito até que os cristãos se sentissem confortáveis em ver a cruz como uma medalha de honra. Uma grande dimensão do poder do cristianismo primitivo foi essa transformação do que tinha sido um motivo de vergonha em uma fonte de orgulho. Em primeira análise e em última instância, nossa vocação enquanto pessoas LGBTI+ é fazermos o que Jesus fez. Sermos cristãos (pequenos Cristos, na tradução de senso comum) é ressignificar as palavras, lembrando que A Palavra é o modelo e que O Verbo não nos condenou! Aleluia! Para cada momento em que alguém ousar dizer “está escrito” que possamos dizer que a grande parte dos momentos em que Jesus manifestou seu ministério foi libertando pessoas de opressão quando usavam “está escrito” para condenar. Mulher pega em adultério, cobrador de impostos, mul-

her do fluxo de sangue, homem da mão curada no sábado. A Palavra esteve entre nós. O Verbo teve seus pés sujos na areia do deserto e é a Esse Verbo que servimos e não mais a lei.

Mas e o silêncio? Como subvertê-lo? Como nos apropriamos disso? Já entendemos que o silêncio pode ser uma chave de defesa no que se refere ao fato de que Jesus nunca disse nada sobre nossas cores e nossos corpos. Não há condenação. Mas então é só isso? Acabou?

Comecei contando sobre o silêncio que recebi da carta de amor que enviei. Há uma diferença dos silêncios apresentados entre o que acontece após uma declaração de amor em relação ao silêncio de Jesus sobre a diversidade sexual e de gênero. O silêncio como (não) resposta a uma carta de amor existe a partir de um movimento concreto: uma carta foi enviada. Eu fui até uma pessoa e manifestei a ela os afetos que tinha. Eu falei primeiro e esperava que minha fala tivesse uma resposta. Mas nem todo silêncio é igual. Quando a gente fala sobre o silêncio de Jesus a gente fala sobre um Jesus que fez tantas outras coisas que nem todos os livros e todas as palavras dariam conta de registrar. O silêncio de Jesus sobre nós fala sobre um Jesus que estava na criação, usando a palavra como instrumento de ordem e que entendeu que nossas identidades não precisam ser rígidas e limitadas pela ordem. Jesus não falou nada sobre nós porque Ele sabia que havia muito mais pra se criar e expressar do que a palavra poderia limitar. Limitar o corpo e as identidades reduzindo ao que se tinha na época como homem/mulher ou macho/fêmea não fazia parte do plano da Trindade.

E se Deus sempre soube que dentro do espectro visível do arco-íris, há infinitas cores, em Sua criatividade e virtude, não reduziria a diversidade em palavras limitantes. Aquele que é a Palavra/Verbo assumiu que quem fala sobre o corpo é o próprio corpo. Foi assim com Ele e é assim que Ele nos convida. O silêncio de Jesus é profético. É um grande convite. Para que continuemos a encarnar em nossos corpos a possibilidade de falarmos por nós mesmos. Com orgulho e esperança de que

não há nada que nos limite. A Palavra/Verbo nos dá, em Seu santo e criativo silêncio, a autoridade para que de nós saiam as palavras sobre nós. Nada sobre nós sem nós. Jesus fez tantas coisas e poderiam ser várias as páginas de palavras para falar sobre tudo o que Jesus fez. Algumas páginas, entretanto, ficaram em branco para que, em posse de nossos corpos, usemos nossas próprias mãos para escrevê-las.

Diferente da minha carta de amor, respondida com silêncio, Jesus não falou primeiro, para que respondêssemos ao que Ele disse sobre nós. Nossas cores, que por muitos anos não foram nominadas e tantas outras cores que ainda virão a se expressar no porvir, cada uma delas tem espaço e autoridade para falar. O que dizer sobre o mistério do que há de vir a não ser contemplá-lo? O silêncio de Jesus é a

certeza de que todos esses caminhos de explicação lógica sobre as cores do espectro visível que nossos corpos são tentativas frustradas de reduzir o mistério ao campo lógico. Jesus nos ofereceu seu silêncio contemplativo. O mistério não é algo a ser explicado, mas algo a ser contemplado. Há muitas cores que merecem ser vistas e nomeadas ainda. Nem todo arco-íris é igual, porque cada arco-íris tem um mistério inteiramente seu na maneira de expressar suas cores no mundo. Por isso nossas cores são também, luz que irradia uma diversidade de possibilidades.

Celebremos o mistério do silêncio que proclama a criatividade e potência da possibilidade. Nunca houve na história um silêncio tão poderoso em nos fazer sentir orgulho de quem somos. ●

*“Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus”
Salmos 46, 10*



BOB LUIZ BOTELHO

É membro Associado das Nações Unidas para tema de religião em 2023 por Outright International e fundador do Evangélicxs Pela Diversidade. Ordenado clérigo pela Iglesia Antigua de Las Américas (IADLA-Brasil), é pastor da Comunidade MESA (Missão, Ensino, Serviço e Adoração) na cidade de Curitiba. Estudou Geografia na UFPR e fez seu trabalho de conclusão de curso do bacharelado pesquisando Geografia da Religião de gays e lésbicas em contexto evangélico. Primeiro membro pleno abertamente LGBTI+ na Fraternidade Teológica Latino-americana, Bob é biblista popular formado pelo CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Diretor Executivo da Coonceito Cooperativa, trabalha com representação internacional de movimentos sociais. Pesquisador Associado e Diretor de Programas no Instituto Superior de Estudos Inter-religioso e Sociais (ISDEIS Brasil) é coordenador da EFATAH (Escola de Formação e Aprimoramento em Teologia Artes e Humanidades).



**E nós
dizemos**





EVANGÉLICXS PELA

Diversidade

O surgimento do Evangélicxs pela Diversidade se relaciona com essa enorme resistência que existe na comunidade evangélica, de modo geral, de incluir a diversidade sexual e de gênero como tema pastoral, bíblico, teológico e comunitário, de uma maneira afirmativa, celebrativa e inclusiva. Embora a emergência e a consolidação de comunidades evangélicas inclusivas sejam uma realidade que se espalha pelas principais cidades do país, o reconhecimento desse debate, que se dá não só no Brasil, mas na América Latina e em outras partes do mundo, com consideráveis avanços, encontra notável oposição das cúpulas denominacionais e lideranças pastorais, reverberando entre os membros das comunidades locais evangélicas.

O objetivo dessa iniciativa missionária é multiplicar as oportunidades de ampliação da discussão sobre experiências e o conhecimento desse público sobre o debate que se dá nos principais centros de estudos bíblicos e teológicos sobre sexualidade e gênero, além de oferecer a pessoas evangélicas diversas o apoio para encontrar seus pares e fortalecer a luta por ampliação dos espaços de diálogo sobre diversidade sexual e gênero nas suas comunidades de fé e denominações, bem como oferecer apoio a familiares e lideranças cristãs que desejam caminhar na afirmação e celebração de todas as identidades.

HISTÓRICO

Em 2016, um grupo de pessoas LGBTI de diferentes igrejas se encontrou e percebeu a necessidade da articulação permanente de evangélicos LGBTI. Para se organizar a fim de lutar contra a violência lgbtfóbica das igrejas evangélicas e disputar as narrativas do sagrado e da possibilidade da espiritualidade em diálogo com a diversidade sexual e identidade de gênero, foi organizado, sob liderança de Bob Luiz Botelho, a iniciativa missionária Evangélicxs pela Diversidade no segundo semestre de 2017, que tem caráter não-denominacional. Tornando-se público nas redes sociais em maio de 2018, reuniu ao longo dos anos mais de 100 pessoas diversas em gênero e sexualidade como voluntárias, além de

mais de 10 mil pessoas conectadas pelas redes sociais, formando uma rede em expansão. Em agosto de 2018, traduzimos e lançamos, em parceria com a *Red Latinoamericana y del Caribe por la Democracia* (RedLad), o *Grupo de Estudios Multidisciplinarios sobre Religión e Incidencia Pública* (GEMRIP), atualmente denominado *Otros Cruces* e o Instituto Superior de Estudos Inter-religiosos e Sociais (ISDEIS) a cartilha “12 Mitos sobre as Religiões e a Diversidade Sexual”, com ampla repercussão nas redes sociais. Além da presença nas redes sociais, ainda em 2018, o Evangélicxs começou a desenvolver duas atividades no campo da comunicação: 1) um podcast que inclui uma série de histórias narradas por pessoas LGBTI evangélicas sobre suas experiências de ser evangélica e LGBTI e conteúdos temáticos que dialoguem com questões de interface pessoal e pública na inter-relação com os temas de espiritualidade, teologia e bíblia, por um lado, e direitos humanos, estado laico e democracia, por outro; 2) um *hangout* quinzenal ao vivo em seu canal do YouTube sobre questões pastorais que dialogue sobre a vivência dentro do espaço de fé evangélico; 3) uma série de textos e conteúdos escritos como estudos bíblicos, artigos temáticos, ferramentas teológicas, entre outros.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

O trabalho do Evangélicxs se desenvolve através de quatro áreas de atuação que tem por objetivo alcançar um leque de possibilidades no trabalho com diversidade e a fé cristã. São elas:

- **CUIDADO INTEGRAL** - oferecer apoio e cuidado a pessoas que estão sofrendo dentro das comunidades evangélicas por se entenderem numa expressão de gênero ou sexualidade diferentes do padrão heteronormativo; oferecer cuidado a familiares (mães, pais, irmãos e irmãs, tios/tias, etc) de pessoas LGBTI+ que querem caminhar em direção a uma visão afirmativa e celebrativa sobre as pessoas que estão em sua famílias; suporte psicoterapêutico com psicólogo treinado para lidar com desafios teológicos e de caráter religioso no *setting* terapêutico.

• **FORMAÇÃO E ENSINO** - criar oportunidades de aprendizado contínuo e atualizado que contribua para formar e informar a igreja evangélica brasileira, incluindo a produção de conteúdo e materiais didáticos sobre como se tornarem comunidades de fé que acolhem e afirmam a diversidade sexual; oferecer o FLEA Lab. (Laboratório de Formação de Lideranças Evangélicas Afirmativas), que é um curso de formação em teologias afirmativas e queer.

• **SERVIÇO** - promover e organizar a participação e engajamento de pessoas evangélicas e comunidades de fé em ações de serviço à comunidade LGBTI, tanto a nível local quanto nacional, na promoção de seus direitos e dignidade humana e articulações regionais e globais para defesa de direitos de pessoas LGBTI.

• **DIÁLOGO** - Promover a visão de comunidades de fé que acolham e afirmam a diversidade sexual e identidade de gênero através da ampliação dos canais de diálogo e troca entre pessoas LGBTI, o movimento LGBTI e as igrejas e denominações evangélicas.

PANDEMIA

Durante a pandemia da COVID-19, o Evangélicxs realizou um forte trabalho de atuação nas redes sociais e online, com grupos que se reuniam virtualmente, além de produção de uma série de conteúdos em parceria com a Fundação Luterana de Diaconia. Além disso, o Evangélicxs construiu o projeto “Psis Pela Diversidade” que é grupo de profissionais da Psicologia (com CRP ativos) que ofereciam atendimento psicoterapêutico a pessoas LGBTI+ a preço social ou gratuitamente e que também ofereciam a pessoas profissionais da Psicologia treinamentos para enfrentar os desafios do *setting* terapêutico.

Além disso, o Evangélicxs realizou o Laboratório de Formação de Lideranças Evangélicas Afirmativas (FLEA Lab.) que reuniu mais de 50 lideranças de todos os lugares do Brasil em um curso de 120 horas com 18 módulos de 6 horas cada, mentorias mensais e resenhas de dois livros. Mobilizamos também um abaixo-assinado chamado “Fé na Diversidade” assina-

do por mais de 170 lideranças Evangélicas que não são LGBTI+ e que defendem a afirmação do amor de Deus e dignidade das pessoas LGBTI+.

SOCORRO, REFÚGIO E ESPERANÇA

Por Pastora Adriana Carla

Meu nome é Adriana Carla, tenho 48 anos, mulher lésbica, escondida dentro de tantos armários e ainda durante mais de 40 anos buscando “cura” entre lugares fantasiados de bem e paz, mas que sugeriam apenas mais armários fechados. Em 2019, então com 44 anos e cansada da luta e do conflito entre quem era e o que a Igreja dizia ser palavra de Deus de condenação sobre minha existência fui abençoada por uma amiga que me falou de um perfil no Instagram onde poderia conhecer cristãos LGBT e quem sabe assim pudesse me encontrar.

Foi incrível ter a experiência de ouvir um missionário (na época), hoje reverendo, querido Bob falando do seu amor a Jesus e de que sua existência era celebrada por Deus. Ele era missionário como eu, e Deus me trouxe o socorro. Encontrei naqueles vídeos e testemunhos um lugar de socorro diante de tantos pensamentos de morte e inadequação que me sobrevinham, liguei para Bob, começamos a dialogar sobre a Deus e meus conflitos e sobre a libertação que poderia e viria a acontecer a partir desses encontros e conversas. Deste momento em diante esse coletivo passou a ser lugar de refúgio para a caminhada da descoberta que “textos de terror” nada mais eram do que textos intencionalmente pervertidos para desconstruir o amor e a graça do Deus da diversidade, um fundamentalismo que destrói a espiritualidade. Assim, faço a travessia do armário para a liberdade, guardada e refugiada por queridos, queridas e queridas irmãs do Evangélicxs que estiveram de mãos dadas comigo até que em 28 de junho de 2020 celebrei minha redenção descrita no texto publicado em meu Instagram com as seguintes palavras:

“Hoje é dia de luta...dia de resistência... Dia de clamor por respeito! Dia de gente que tem fé e orgulho de ser quem é. Gente que sofreu e sofre por lhe ser negada não só a existência, mas também o amor de Deus. Gente que sofreu por tanto tempo ouvindo que era abominável aos olhos de Deus, que ouviu que Deus não tem filhos e filhas LGBTQIA+, gente que tirou a própria vida por não suportar a rejeição e o desprezo, gente que pensou em morrer tantas vezes, para dar o fim a dor de não poder ser simplesmente ser... Mas hoje celebra e reconhece o amor incomparável de Jesus de Nazaré. Somos amados, eu sou amada por esse Deus, pai e mãe que se revelou na pequena e desprezada Nazaré...por meio de Jesus que é amor e respeito. Que defendeu os corpos desprezados e marginais da sociedade. De Nazaré... Esse lugar esquecido...desprezado e discriminado...assim como pessoas como eu vem o clamor e a alegria... a celebração do encontro com Jesus... amor, graça e luz. Em Jesus posso hoje ser quem sou e com orgulho. Afinal como disse meu querido @bob.luibotelho ‘não sou um erro que Deus tolera. Sou criação que Deus celebra’. Filha amada sempre.”

Saí do refúgio e me fixei na esperança de que esse coletivo pudesse alcançar ainda mais pessoas e ser socorro, refúgio e esperança para muitos como eu. E

que privilégio tem sido caminhar com eles e elas. Falar da existência do Evangelicxs é falar de esperança porque em meio a tantas violências e desencontros, encontramos formação e experiências que me fortaleceram na fé e na esperança viva, por exemplo ao participar do curso de “Formação de Lideranças Evangélicas Afirmativas”, iniciativa desse coletivo com tantos parceiros que durante nove meses nos ensinaram e nos formaram para sermos agentes de socorro, refúgio e esperança para outras, outros e outres, em 2021 ainda vivendo as dores, as tristezas e as incertezas de uma pandemia nunca enfrentadas antes, e no meio do caos, experienciamos alegria, conhecimento, acolhimento, partilha e vitórias. Agradeço a companhia desse coletivo comigo nos momentos de muitas dores e de maiores alegrias, como a celebração do meu ministério celebrado o reconhecimento do meu chamado pastoral de tantos anos e reconhecido em fevereiro de 2023 através da minha Igreja, Primeira Igreja Batista em Bultrins – Olinda-PE, igreja-membro da Aliança de Batistas do Brasil (ABB) e Evangélicxs Pela Diversidade, que inspiração e honra eu ter essas pessoas em minha caminhada. Continuamos juntas na luta, construindo um coletivo que continue a ser socorro, refúgio e esperança. ●





**REDE NACIONAL DE
GRUPOS CATÓLICOS
LGBT**

O nosso lugar na
mesa não será retirado

Os católicos LGBTQIA+ brasileiros, pertencentes à Rede Nacional, se organizam a partir da necessidade de criar espaços seguros de acolhimento respeitoso, partilha de experiências e vivência da fé cristã em comunidade para aqueles que buscam conciliar sua pertença religiosa católica romana com suas identidades como pessoas LGBTQIA+. São lugares de encontro e de troca, de reflexão e escuta, de aprofundamento de nossa fé e espiritualidade, espaços necessários já que ainda prevalece, na Igreja e no mundo, a noção de uma suposta incompatibilidade entre a diversidade sexual e de gênero com a pertença religiosa. Sendo importante destacar especialmente, a pertença ao cristianismo em geral e ao catolicismo romano em particular. Essa percepção segue sendo constantemente repetida e reforçada, acarretando violências das mais diversas dentro e fora da igreja. Esses lugares seguros proporcionados pelos grupos são onde plantamos sementes de vida que nos nutrem, enriquecem e de onde saímos para semear nossos dons e gerar bons frutos, contribuindo assim para a construção de um mundo de mais justiça e igualdade, em que haja espaço para cada um florescer em sua própria diversidade.

Desde a década de 1960, grupos de pessoas católicas LGBTQIA+ se organizam por todo o mundo, realizando um trabalho pastoral de acolhida, partilha de experiências e aprofundamento da fé. No Brasil, esse movimento teve início em 2007, com o surgimento no Rio de Janeiro do grupo Diversidade Católica. Composto por leigas e leigos católicos que compartilhavam a mesma compreensão de que a salvação de Cristo e sua mensagem são para todos, todas e todes sem distinção. Os sete anos seguintes seguiram-se com a construção e organização de outros coletivos, do Sul ao Nordeste do país, culminando no I Encontro Nacional de Grupos Católicos LGBT, realizado no Rio de Janeiro - RJ, em 2014, em que estiveram reunidos os grupos já formados até época.

Esse momento ficou marcado como o nascimento da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, a partir de um manifesto que assumia a nossa identidade: “Somos

filhas e filhos de Deus e da Igreja”. Mais adiante, o II Encontro Nacional de Católicos LGBTI realizado em 2018, em São Paulo, já contava com representantes de quinze grupos de todo o país. Na ocasião, foi construída uma Constituição para a Rede, assim como estabelecida a primeira equipe nacional de coordenação para o biênio 2018-2020, composta por quatro coordenações regionais (Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul), além de uma secretaria/tesouraria, uma coordenação de comunicação e outra de assessoria, sendo que cada equipe tem seu trabalho orientado pelas metas estratégicas definidas em plenário no Encontro Nacional para o período de seu mandato¹.

Em 2020, a Rede reunia vinte grupos e passou a integrar a Global Network of Rainbow Catholics (GNRC), que congrega grupos de “católicos do arco-íris” de todo o mundo, com perfis e trajetórias bastante distintas, refletindo uma ampla riqueza e diversidade de experiências.

Atualmente, a Rede Nacional conta com cerca de 25 grupos, em agosto de 2022 filiou-se ao Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), que tem por objetivo criar e apoiar mecanismos de formação e capacitação que ajudem leigos e leigas a descobrirem sua identidade com vistas à construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino de Deus. Importante explicar que a equipe de coordenação, eleita no II Encontro Nacional, estendeu seu mandato até novembro de 2021 por ocasião da Pandemia, realizando o III Encontro Nacional totalmente online reunindo 21 grupos da Rede, com o tema “Pra Vida ser sempre mais!”, tomando como inspiração a palavra de Jesus no evangelho de João²: “Que todes tenham vida plenamente”. O IV Encontro Nacional está previsto para novembro de 2023 em Fortaleza - CE.

A vivência pessoal e comunitária de pessoas LGBTQIA+ na Igreja é uma conquista contemporânea, impensável há algumas décadas. Porém, ela é, antes de mais, um resgate daquela “surpresa” original dos discípulos e discípulas que acompanharam o Nazareno e as primeiras comunidades cristãs, deixando-se guiar pelo Espírito Santo. O sopro do Espírito sobre o

gênero e a sexualidade: o nascimento de uma Espiritualidade da Diversidade.

Em 2022, em resposta à pergunta: “O que o senhor diz a um católico LGBT que foi rejeitado pela Igreja?”, feita pelo padre jesuíta James Martin, o Papa Francisco acentuou, entre outras coisas, que “A Igreja é uma mãe e reúne todos os seus filhos, uma Igreja ‘seletiva’, de ‘puro sangue’, não é a Santa Madre Igreja, mas sim uma seita.” Depois de muitos anos de rejeição e perseguição dos setores conservadores das igrejas, os Grupos da Diversidade estão finalmente recebendo um grande impulso, através das declarações e atitudes tomadas pelo Papa Francisco e do empenho de pessoas e setores eclesiais comprometidos com a leitura dos sinais dos tempos e o sopro do Espírito Santo. O tempo de Francisco tem sido, para uma multidão de pessoas, um *Kairós* (em grego *καιρός*, “o momento oportuno”), tempo no qual é preciso atenção porque estamos sendo visitados, de maneira especial, por Deus. Tempo em que pessoas que foram historicamente violentadas e descartadas, até mesmo por setores do cristianismo, voltam a ter a esperança de ocupar o lugar oferecido por Deus a elas, na Igreja e na sociedade.

A Espiritualidade da Diversidade vai se desenvolvendo e nos atravessando na medida em que o Espírito encontra abertura para novas e profundas perspectivas, desembocando numa vivência humana mais transparente e numa religiosidade menos infantil. Essa forma radical, surpreendente e universalmente acolhedora de viver a espiritualidade exige muita abertura e discernimento, a fim de ouvir as vozes que clamam em nós e na realidade intra e extra eclesial, reconhecendo nelas os sinais do Reino de Cristo, e o enfrentamento dos desafios aos nossos limites mentais, ao conformismo e à acomodação, que se tornaram as maiores tentações contra o sopro do Espírito.

A partir da vida pública de Jesus de Nazaré, passando pela experiência dos seus discípulos e discípulas, as primeiras comunidades foram vivenciando essa Espiritualidade da Diversidade, contrária em essência a algumas das crenças tradicion-

ais no seu tempo. Jesus já assinalara, em algumas ocasiões nas quais se encontrou com não-judeus, que “nunca viu uma fé como essa em Israel”, elogiando a confiança despertada por ele em pessoas que não eram judias ou sequer religiosas³. Ele mesmo tinha se deixado evangelizar pela mulher cananeia, que lhe exigiu as migalhas dos cães e acabou recebendo do Mestre o mesmo pão dos filhos, por causa de sua fé e coragem⁴.

Assumimos enquanto Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT a missão de promover e difundir a Boa Nova de Jesus Cristo e o projeto plenamente inclusivo do Reino de Deus, partilhando a experiência do Amor, da Liberdade, da Justiça e da Vida em abundância com todas as pessoas que são excluídas da Igreja e/ou da sociedade em virtude de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Acreditamos que Deus nos criou e ama a todos e todas com Amor Incondicional, que Cristo nos abraça e nos chama de amigos e amigas, e que Sua Igreja é para todos, todas e todes nós. Acreditamos no Espírito Santo que sopra em nossos corações e nossas vidas, e que é nossa missão profética contribuir com nossas dádivas e nossos testemunhos para a construção do Reino.

O patriarcado cisgênero, branco, heteronormativo, continuará usando suas ferramentas de exclusão e segregação, para dizer quem “tem direito” ao sagrado⁵, para controlar nossos corpos, nossos afetos, mas como igreja viva de Jesus, nós pessoas LGBTQIA+ iremos permanecer sendo existência em forma resistência, nossa relação com Deus é mais profunda que o falso moralismo pregado, nosso direito ao sagrado não será impedido, nosso lugar a mesa não será retirado.

Por fim, relembremos as palavras de Cris Serra⁶: “Vivemos tempos sombrios, que exigem de nós fortaleza, ânimo e esperança para seguirmos resistindo contra as trevas e lutando por um mundo melhor. Em tempos de ataques constantes à nossa comunidade, por meio dos quais o ordenamento de gênero patriarcal e cis-heteronormativo vai sendo reforçado mediante o uso, muitas vezes, de uma linguagem e símbolos cristãos, nossos testemunhos vêm se juntar à disputa de narrativas sobre o que é e

o que significa o cristianismo não apenas no campo religioso, mas no espaço público mais amplo. [...] Queremos revelar um seguimento de Cristo que seja coerente com Seu Evangelho. E o seguimento de Cristo, para ser coerente com Seu Evangelho, precisa levar ao engajamento a luta antirracista e pelos direitos humanos – inclusive os direitos sexuais e à livre expressão de gênero, no marco da laicidade do Estado. Para ser coerente com o Evangelho,

quem caminha com Cristo precisa unir-se à luta por igualdade e justiça para todas as pessoas – especialmente as mais marginalizadas, como as LGBTQIA+ – dentro e fora das Igrejas cristãs.”

Que a paz de Cristo e a proteção amorosa de Maria, nossa mãe, estejam sempre com todos, todas e todes nós. ●



Autores do texto construído coletivamente:

DANIELLA CARDOZO; EDELSON SOLER; LUÍS RABELLO E MARIANNE LUNA.

¹ Informações sobre a rede: Sobre – Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT (redecaticoslgbt.com.br);

² Evangelho de João Capítulo 10, versículo 10;

³ (Cf Mt 8,10; Lc 7,9)

⁴ (Cf Mt 15, 21-27; Mc 7, 24-30)

⁵ A Ruah que habita em nós — Católicas pelo Direito de Decidir (catolicas.org.br)

⁶ Serra, Cris. *Vimos para comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja* / Cris Serra. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia, 2019.



MNE

MOVIMENTO NEGRO EVANGÉLICO

Eu fui uma criança e um adolescente que amava frequentar a igreja; lembro que implorava aos irmãos por uma oportunidade, ao longo do culto, para entoar cânticos de louvor a Deus. Gostava também de estar envolvido com trabalhos evangelísticos, projetos sociais, adorava estar em comunhão com as pessoas da minha idade nos grupos juvenis, mas o que eu mais amava fazer era ministrar uma palavra de reflexão e lecionar na Escola Bíblica Dominical... Sem dúvidas, a igreja era a extensão da minha vida. Porém, desde cedo, eu percebia que havia algo de “errado” comigo, com os meus sentimentos e com o meu próprio corpo; eram sensações e atrações que “contrastavam” com os valores da minha religião e que me “distanciavam” da “vontade de Deus.” Eu recordo que, já na escola primária, os garotos me atraíam de um jeito diferente, mexiam com os meus hormônios, erotizavam a minha carne. Acreditava que tinha “demônios” e carregava, dentro de mim, um medo terrível do “Deus Todo-Poderoso” me fulminar devido àqueles desejos proibidos. Nessa época, a relação que eu tinha com o sagrado era muito tóxica, por causa da própria igreja. O Deus que eu conhecia, imagem e semelhança dos homens, era um tirano, insensível, centralizador, intransigente, egoísta e autoritário, capaz de me castigar a qualquer momento diante de algum “vacilo” meu. Por causa dessa relação abusiva com esse “Deus” que a igreja evangélica me apresentou, durante muito tempo, eu enganei a mim mesmo, neguei a minha natureza, minha identidade, meus sentimentos, enfim, minha homossexualidade, e conforme eu fui adentrando na puberdade, fui me tornando um rapaz alto, esbelto, bonito – na medida do possível – e, quando, finalmente, chegou a maioridade, com ela veio também a pressão da igreja: “Quando vai namorar?” “Quando vai

casar?” “Em breve, Deus lhe providenciará uma varoa, uma mulher de oração!” “Você tem que casar, não é bom que o homem viva só!” (Gênesis 2, 18). A minha postura nunca “denunciou” a minha orientação sexual; na verdade, os gays são estereotipados culturalmente, e isso está ligado ao preconceito também que nós sofremos. Por eu ser um homem preto, alto e com um modo de ser, de agir e falar “heterossexuais,” a sociedade – e, em especial, a igreja – sempre esperaram de mim a virilidade masculina, a força, o vigor, a potência. “Como assim você tem medo de baratas?” “Como assim você tem medo de altura?” “Um negão desse tamanho!” E esses estereótipos e desumanizações eu encontrei não somente na igreja, mas também, infelizmente, na comunidade LGBTQIA+. Pelas minhas características físicas, muitos gays esperam que eu seja ativo, um “bofe” potente e não uma “bicha” passiva. Eu não posso chorar, não posso fraquejar, não posso enxergar o mundo de um modo meigo, fofo, carinhoso, colorido, porque eu sou “negão.” Quer dizer, a homofobia, o racismo e o machismo estão todos interligados e operam simultaneamente. Todavia, em Cristo, eu sou livre. Jesus disse que “se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8, 36). Hoje, eu sei que Deus vive na minha carne, no meu sangue, nos meus tecidos; eu sei que Deus respira e transpira em meus sentimentos, na minha forma de amar, de viver e de existir e nele eu sou livre para ser o homem meigo, sensível, ativo e passivo como Ele me fez. O verbo se fez carne (João 1, 14); para mim, Deus se fez carne e se revelou em uma “amizade colorida” que eu tenho com um menino negro, de pele clara, o qual tanto amo e que toca as feridas mais profundas da minha alma. Se isso não é Deus, eu não sei mais o que poderia ser. ●



CLEITON CHAGAS

É professor de História, poeta e escritor homossexual. Filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), Cleiton é integrante do MNE (Movimento Negro Evangélico) e leciona, atualmente, no Ensino Médio, em cursinhos preparatórios e em pré-vestibulares sociais. É membro também da Igreja Batista do Caminho. Seus temas de maior interesse são poesia, teologia, discurso, religião, intolerância e sexualidade.



Assim como meu colega Cleiton, eu nasci e fui criado na igreja. (No meu caso foi a Igreja Batista) e é inegável a importância da igreja na minha formação enquanto ser humano. Pois, foi o lugar em que eu aprendi a falar em público por conta das oportunidades de dirigir os cultos jovens, foi o ambiente no qual eu criei a minha primeira rede de amizades, e, também, foi através do ambiente eclesial que eu formei os meus posicionamentos e opiniões sobre o mundo pelo viés da Bíblia.

A igreja traz esse lugar de pertencimento e acolhimento, que, de certa forma, é real. Mas quando se é preto e LGBTQIA+ as coisas são um pouco diferentes... é um sentimento de não pertencimento que fazia com que eu ficasse perdido e ao mesmo tempo tentando buscar maneiras de me encaixar num padrão branco e heteronormativo. Por conta das violências (em formas de pregação) que eu sofria na igreja, eu neguei a minha sexualidade por anos. Perdi as contas de quantas orações eu fiz durante a minha adolescência pra que Deus tirasse de mim o "demônio do homossexualismo".

A pior fase da minha vida no que tange a minha sexualidade foi a adolescência. Enquanto os meus amigos e amigas (héteros) falavam das suas desilusões amorosas, eu nem cogitava essa possibilidade, pois, no fundo, eu sentia que o amor (hétero) não tinha sido feito pra mim. E na minha cabeça a única possibilidade de afeto era entre homem e mulher. Fora isso, era pecado. As perguntas sobre a minha sexualidade eram inúmeras e me enchiam de vergonha. Só de ouvir a seguinte indagação "Posso te fazer uma pergunta?" me deixavam completamente desconcertado, pois eu intuía que iam me perguntar se eu era gay e em 99% dos casos, a minha intuição estava certa...

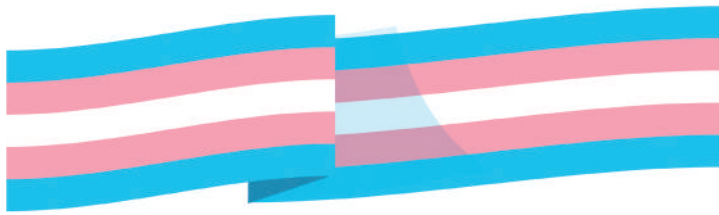
Depois de muita dor e sofrimento, eu consegui compreender a verdadeira paz de Deus, que excede todo entendimento (Filipenses 4, 7), passei a me aceitar do que jeito que eu sou e me amar incondicionalmente. Depois da saída do armário, a minha vida mudou pra melhor. Principalmente a minha relação comigo mesmo. Hoje eu sou leve, tenho paz e vivo a minha fé de maneira mais orgânica e genuína.

Oro para que todos os pretinhos gays, que estão sofrendo dentro do armário, se libertem. A vida fora do armário, é possível e é linda. ●



LUCAS ADENIRAN

Bixa preta afeminada, 27 anos, jornalista em formação, cria de São Gonçalo, membro do MNE, Repórter (Estagiário) da TV PUC-RIO.



Assim como meu mestre, cresci longe do centro (Mt 2, 23; Jo 1, 23), em Padre Miguel, zona oeste do Rio de Janeiro. Um lugar onde a diversidade é comumente comedida por haver poucos espaços onde ela possa florescer. Desde o berço ouvindo músicas cristãs, fui alfabetizada com bíblias infantis e já grandinha folheava as apostilas de teologia da minha mãe. Jesus sempre foi uma inspiração para mim. Seu amor e seu sacrifício me fizeram a mulher idealista que sou (Jo 3, 16).

Aos 13 anos, Jesus me escolheu para uma missão (Jo 15, 16), e eu a abracei numa longa caminhada, onde aprendi a língua de sinais, fiz vários projetos em igrejas, toquei vários corações e a luz de Jesus brilhava em mim e lá estava eu no altar exercendo meu chamado (Lc 10, 2; Lc 11, 33). Mesmo com tantas “verdades inconvenientes”, antes ocultas e posteriormente reveladas, o fato eterno e incontestável é que eu, Phillipa, fui escolhida (Je 1, 5a, Co 1, 25-29).

Diferentemente da minha irmã Sil, minha família não tem uma boa relação com a diversidade. Em 2019, entrei em um processo de libertação e passei a me permitir sentir a verdade em relação a como eu me vejo e vejo o outro. Foi um longo processo no qual tive medo de desagradar a Deus. Até que conheci o MNE e fui abraçada como negra e dissidente sexual. Mesmo assim, minha alma gritava por justiça e reparação. Em uma tentativa desesperada de me conectar comigo mesma e me libertar de toda possível opressão, desconsiderei a fé cristã e larguei a cruz.

No ano seguinte, tentei caminhar seguindo meu coração e minha razão. Comecei a minha transição de gênero e fui feliz em muitos momentos, até que comecei a ser sufocada pela marginalização e pela realidade condicionada para as pessoas trans, principalmente mulheres trans e travestis. Não agi muito diferente da forma como agia antes, mas os assédios, as invalidações e o desejo de “salvar” aquelas pessoas e de fazê-las voltar a sonhar e a acreditar em um mundo melhor e com possibilidades, mexia muito com minha alma.

Essa realidade condicionada foi mais forte do que eu. Fui assaltada, abandonada pelos que chamei de amigos, e corri como um furacão para reparar os danos. Não dando conta das minhas demandas, falhei e quase colapsei. Isso me fez duvidar do meu valor. Foi no deserto que aos poucos minha alma suplicava pelo amor de Deus. Meu coração foi se abrindo aos poucos e as oportunidades vieram. Sim, voltei a congregar e já visitei outras três igrejas onde fui recebida de braços abertos, e minha identidade foi respeitada.

Voltei a traduzir louvores para a língua de sinais nos cultos, em sincera adoração e serviço a Deus. No dia 9 de junho de 2023, mostrei minha nova identidade com meu nome social para a pastora Viviane, minha amiga e irmã em Cristo, e ela orou e me abençoou, um gesto simples, mas significativo. Sinto-me abraçada pela infinita misericórdia e amor de Jesus, e confio nos planos Dele para a minha vida e para a minha comunidade (Je 29, 11). ●



PHILLIPA SILVEIRA

É mulher trans, instrutora e tradutora de libras- língua brasileira de sinais. Bacharelada em Letras-Libras pela Uniasselvi. Empreendedora, proprietária da Ph Idiomas, aspirante à escritora e roteirista, formada em roteiro pela AIC, audiovisual pela CAPACITRANS, e estudante de cinema de ficção pelo Cinema Nosso. Autista. Evangélica. Membro dos coletivos MNE e Quilombo PCD.

“**Q**uem nunca pecou que jogue a primeira pedra”.

Essa frase que Jesus Cristo usou para proteger uma mulher oprimida já seria suficiente para explicar a uma grande parte do meu povo evangélico que nossa comunidade se desviou do caminho que Deus tanto nos orientou a seguir.

Esse entendimento me chegou graças ao maior privilégio que a vida me presenteou, o de ter nascido de uma mulher que sempre fez questão de cultivar sua fé em um Deus que é conhecido por sua misericórdia e que inspirou reis, apóstolos e profetas a registrarem em um Livro Sagrado, todas as histórias que provam que era ao lado dos oprimidos que ele estava. Essa mulher de pele parda, trazia todas as marcas da negritude em sua essência, o que a levava a se identificar com a luta contra a desigualdade social e tomar para si as dores de outras mulheres na comunidade onde vivíamos. Esse hábito de cuidar do próximo, fez com que a minha mãe se tornasse uma pessoa querida até os dias de hoje, mesmo tendo se passado 40 anos de sua despedida na terra.

Durante toda minha infância, fui protegida por essa seguidora de um Cristo generoso, que me ensinou a semear o amor, dividir o pão nosso de cada dia com todos os irmãos que estivessem com fome e a nunca encarar a diferença entre as pessoas como algo ruim, apenas diferente.

Talvez tenha sido essa a razão pela qual pude amar sem medo as pessoas por quem meu coração se encantou, e, em nenhum momento da minha vida, eu me senti distante da comunhão com Deus

pelo fato de dividir meu amor com outras mulheres, muito pelo contrário, me sinto abençoada por ter compartilhado afeto com todas as pessoas que Deus colocou no meu caminho, sem culpa e sem preconceito.

Hoje como mulher adulta, mais velha inclusive do que a última idade terrena da mãe que eu tive, cultuo minha fé da forma como foi me ensinado, respeitando a todas as criaturas oriundas do amor de Deus e levando a palavra, não de adstramento, mas de amor e acolhimento a qualquer pessoa que esteja a minha volta e que precise dela.

Me sinto dividindo um pouco desse privilégio que me foi concedido, privilégio esse que me protegeu das pedras jogadas pelas mãos dos homens e mulheres que confundem a graça de Deus com um templo, a prosperidade prometida na bíblia com o poder e a autoridade de Deus com o aval para julgar o próximo.

Essas pedras não me atingiram, mas, infelizmente, atingem inúmeros meninas e meninos que se descobrem amando alguém cujo único pecado foi ter nascido sob o mesmo gênero que elas. Por isso, em minhas orações, eu peço pelos meus irmãos e irmãs, que como eu, nasceram sob a nomenclatura da homossexualidade, mas não tiveram a sorte que eu tive de ter uma mulher como a minha mãe em suas vidas, que lhes teria dito em voz alta para que seguissem as suas vidas de cabeça erguida e vivessem a plenitude de suas identidades, sem medo das sombras e com amor em seus corações. Pois a única certeza que temos, nesse mundo, é que Deus está, sim, no meio de todos nós! ●



SIL AZEVEDO

É uma profissional de 55 anos, lésbica e não binária, que atua há 30 anos nos campos da fotografia e do cinema sócio-político. Em 2020, fundou o coletivo “Espaço Carioca 70”, um estúdio de mentoria e produção audiovisual no Rio de Janeiro, com foco na criação de conteúdo voltado para o empoderamento de mulheres negras e da população LGBTQIA+.

QUEM NÃO AMA
NÃO CONHECE
A DEUS,
PORQUE DEUS
É AMOR!

1 JOÃO 4, 8







esperançar



Fundo **POSITIVO**

Saúde - HIV - Diversidade

